

Kapiiuara



Edição n° 3 - Janeiro/Junho 2018

Literatura e artes
plásticas fundem-se
no projeto "Namoro
com a literatura"

Academia despede-se
de Alfredo Leme
Coelho de Carvalho



ARLEC

Cadeira nº 35

Patrono: Carlos Daghljan
(Escritor – 11/1/1938 – 16/9/2016)
Ocupante: Vaga

Cadeira nº 36

Patrono: Nivaldo Paschoal Carrazzone
(Cronista – 28/2/1927 – 15/8/2012)
Ocupante: Nídia Puig Vacare
(Escritora – Tradutora)

Cadeira nº 37

Patrono: Durval de Noronha Goyos Júnior
(Escritor – Contista)

Cadeira nº 38

Patrono: Paulo Di Tarso
(Maestro)

Cadeira nº 39

Patrono:

Cadeira nº 40

Patrono:

Cadeira nº 41

Patrono: Antonio Carlos Del Nero
(Articulista – Fundador)

Cadeira nº 42

Patrono: Antonio Florido
(Articulista – Fundador)

Cadeira nº 43

Patrono: Paulo Coelho Saraiva
(Fundador)

Cadeira nº 44

Patrono: Alberto Gabriel Bianchi
(Escritor – Memorialista – Fundador)

Cadeira nº 45

Patrono: João Roberto Saes
(Fundador)

Membro Correspondente

Lamartine de Andrade Lima
(Salvador/BA)
(Escritor – Historiador)

Membro Correspondente

Isabel Ortega (Espanha)
(Diretora de Teatro – Agente Cultural)

Membro Correspondente

Antonio Caprio (Tanabi/SP)
(Escritor – Historiador – Escultor)

Membro Honorário

Norberto Buzzini
(Jornalista)

Membro Honorário

Lygia Fagundes Teles
(Escritora)

Membro Honorário

Pasquale Amato (Itália)
(Escritor – Historiador)

Membro Honorário

Fabio Lucas
(Escritor – Crítico Literário)

Convidados

Benedicto Silva
Walter Merlotto



Expediente

Academia Rio-pretense de Letras e Cultura – ALERC

Rua Saldanha Marinho, 3156 -
Centro - São José do Rio Preto – SP

**REVISTA KAPIHUARA
Órgão oficial da ALERC**

Edição nº 3 – Janeiro/Junho de 2018

Editor:
Deodoro Moreira

Revisão:
Cecília Demian

Editoração:
Ailton Marques

Impressão:
RR Tiguana

Presidente:
Rosalie Gallo y Sanches

Primeiro vice-presidente:
José Luiz Balthazar Jacob

Segundo vice-presidente:
Wilson Daher

Primeiro secretário:
Alberto Gabriel Biachi

Segunda secretária:
Maria Helena Curti

Primeiro tesoureiro:
Jayme Signorini

Segundo tesoureiro:
Waldner Lui

Diretor cultural:
Araguaí Garcia

Dir. de relações públicas:
Cecília Demian

Dir. de patrimônio:
Lelé Arantes

Conselho Fiscal

1 – Durval de Noronha Goyos Junior
2 – Nilce Lodi
3 – Antonio Florido

Suplentes

1 – Jocelino Soares
2 – Vera Marcia Paráboli Milanese

Dedicamos esta edição à memória
de nosso colega imortal:
Alfredo Leme Coelho de Carvalho



EDITORIAL

Receita de Ano-Novo

(de Carlos Drummond de Andrade)

Para você ganhar belíssimo Ano-Novo cor do arco-íris, ou da cor da sua paz, Ano-Novo sem comparação com todo o tempo já vivido (mal vivido talvez ou sem sentido) para você ganhar um ano não apenas pintado de novo, remendado às carreiras, mas novo nas sementinhas do vir-a-ser; novo até no coração das coisas menos percebidas (a começar pelo seu interior) novo, espontâneo, que de tão perfeito nem se nota, mas com ele se come, se passeia, se ama, se compreende, se trabalha, você não precisa beber champanha ou qualquer outra birita, não precisa expedir nem receber mensagens (planta recebe mensagens? passa telegramas?)

Não precisa fazer lista de boas intenções para arquivá-las na gaveta. Não precisa chorar arrependido pelas besteiras consumadas nem parvamente acreditar que por decreto de esperança a partir de janeiro as coisas mudem e seja tudo claridade, recompensa, justiça entre os homens e as nações, liberdade com cheiro e gosto de pão matinal, direitos respeitados, começando pelo direito augusto de viver.

Para ganhar um Ano-Novo que mereça este nome, você, meu caro, tem de merecê-lo, tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil, mas tente, experimente, consciente. É dentro de você que o Ano-Novo cochila e espera desde sempre

Aos queridos acadêmicos e acadêmicas, um FELICÍSSIMO 2018!

4 Alfredo Leme Coelho de Carvalho
por Romildo Sant'Anna

6 Legado Pessoal
por Rosalie Gallo y Sanches

8 Sede; Navegante; Lastro; O Baile
por Angelo Soares Neto

9 A Fome; Às vezes uma lembrança; Sobrevivência; Volúpia
por Angelo Soares Neto

10 Decifra-me ou te devoro
por Toufic Anbar Neto

12 A greve
por Wilson Daher

14 A polentara e o calabrés
por Maria Helena Curti

16 Pirangi inesquecível
por Alberto Gabriel Bianchi

18 Olá, irmão
por José Luiz Balthazar Jacob

19 Brincando de Temer
por José Luiz Balthazar Jacob

20 Por detrás do vestido de noiva
por Jayme Signorini

21 Bela é a natureza
por Jayme Signorini

22 Machado de Assis e a Academia Brasileira de Letras
por Lamartine de Andrade Lima

26 Somos todos eternos, biologicamente eternos
por Paulo Cesar Naoum

28 Um Natal literário
por Rosalie Gallo y Sanches

30 Ser e parecer (uma nova visão do mundo)
por Salvatore D'Onofrio

32 Namoro com a literatura
por Sérgio Vicente Motta

34 Exposições
44 Obra de Marcos Siscar vence Jabuti
46 Academia de Letras e Cultura no Teatro Municipal Humberto Sinibaldi Neto
por Cecília Demian

50 A vida anda
por Nídia Puig

52 Da pena, a pena
por Nídia Puig



Alfredo Leme Coelho de Carvalho



Integrantes da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

Cadeira nº 1

Patrono: Romildo Sant'Anna
(Escritor – Diretor de Cinema)

Cadeira nº 2

Patrono: Alfredo L.C. Carvalho
(Escritor – Lexicógrafo – 6/5/2017)
Ocupante: Vaga

Cadeira nº 3

Patrono: Agostinho Brandi
(Historiador)

Cadeira nº 4

Patrono: Araguaí Garcia
(Artista Plástico)

Cadeira nº 5

Patrono: Samir Felício Barcha
(Escritor – Pesquisador)

Cadeira nº 6

Patrona: Cecília Demian
(Escritora – Jornalista)

Cadeira nº 7

Patrono: Salvatore D'Onofrio
(Escritor – Ensaísta)

Cadeira nº 8

Patrono: Lelé Arantes
(Escritor – Historiador)

Cadeira nº 9

Patrono: Wilson Daher
(Escritor – Dramaturgo)

Cadeira nº 10

Patrona: Maria Helena Curti
(Artista Plástica)

Cadeira nº 11

Patrono: Domingo Marcolino Braile
(Escritor – Cronista)

Cadeira nº 12

Patrono: Jocelino Soares
(Artista Plástico – Escritor)

Cadeira nº 13

Patrono: Zequi Elias
(Poeta – Escritor)

Cadeira nº 14

Patrono: Antonio do Nascimento Portela
(Artista Plástico: 8/1/1920 – 23/2/2014)

Ocupante: Norma Vilar
(Artista Plástica)

Cadeira nº 15

Patrono: Edson Vicente Baffi
(Fotógrafo: 15/1/1952 – 23/2/2011)
Ocupante: Arif Cais
(Zoológico – Ambientalista)

Cadeira nº 16

Patrono: Luiz Dino Vizotto
(Escritor – Biólogo – Pesquisador)

Cadeira nº 17

Patrono: José Luiz C. Casagrande
(Professor: 2/2/1935 – 22/2/2009)
Ocupante: Dulce Maria Pereira
(Escritora – Documentarista)

Cadeira nº 18

Patrono: Marcos Siscar
(Poeta – Tradutor)

Cadeira nº 19

Patrono: Alexandre Caballero
(Filósofo – 11/1/1924 – 10/8/2011)
Ocupante: Vaga

Cadeira nº 20

Patrono: Guillermo De La Cruz Coronado
(Escritor – Poeta – 20/4/1921 – 9/2/2012)
Ocupante: Aguinaldo Gonçalves
(Poeta – Filólogo)

Cadeira nº 21

Patrono: Ferdinando Giovinazzo
(Poeta – Livreiro – 28/12/1919 – 13/1/2014)
Ocupante: Sérgio Vicente Mota
(Escritor – Pesquisador)

Cadeira nº 22

Patrono: Waldner Lui
(Jornalista – Escritor)

Cadeira nº 23

Patrono: Jayme Signorini
(Escritor)

Cadeira nº 24

Patrona: Nilce Aparecida Lodi Rizzini
(Historiadora)

Cadeira nº 25

Patrono: Wilson Romano Calil
(Escritor)

Cadeira nº 26

Patrono: Roberto Farath
(Pianista – 26/1/1933 – 21/5/2009)
Ocupante: Adib Abdo Muanis
(Cronista – Jornalista)

Cadeira nº 27

Patrono: Antonio Manoel
(Poeta – Escritor)

Cadeira nº 28

Patrono: José Luiz Balthazar Jacob
(Escritor – Romancista)

Cadeira nº 29

Patrona: Rosalie Gallo y Sanches
(Escritora – Poetisa)

Cadeira nº 30

Patrono: Humberto Sinibaldi Neto
(Astor – Diretor de Teatro)

Cadeira nº 31

Patrona: Hygia T. Calmon Ferreira
(Escritora – Poetisa)

Cadeira nº 32

Patrono: Lézio Junior
(Caricaturista)

Cadeira nº 33

Patrono: Paulo Cesar Naoum
(Escritor – Cientista)

Cadeira nº 34

Patrona: Vera Paráboli Milanese
(Escritora – Poetisa)

DA PENA, A PENA

Pena não poder discorrer, escorrer as palavras que
borbulham em mim

Pena não poder olhar seus olhos de menino vadio, triste imberbe,
de doce crer, de recém nascer.

Pena não dividir amores, e só somar esperas

Pena não acalentar seus triunfos, mimar suas dores
e ser o seu refúgio

Pena não poder pegar da pena e voar nas imagens,
nos subterfúgios da linguagem,
no subterrâneo dos sentimentos

Pena não contar estórias, não rever histórias,
não tripudiar a lógica

Pena não ver o raiar do dia, o clarear da vontade,
a ânsia do desejo

Pena não estar na praia, nas asas das vagas,
no calor dos trópicos

Pena não poder explodir, rir, sair de mim,
e ser você, afeto, afago, suave querer

Pena ter que existir
e sentir tanta pena!

*Ocupa a cadeira nº 36 da Academia Rio-pretense
de Letras e Cultura

Tive a honra de prefaciar o livro *O Simbolismo Animal na Obra do Padre Manuel Bernardes* (HD, 1995), de Alfredo Leme Coelho de Carvalho, falecido meses atrás. Volto emocionado àquelas páginas, a lembrar-me do colega, dileto amigo, criador de passarinhos, colecionador de dicionários que já não mais se editam, ex-diretor do Ibilce-Unesp e expoente da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.

Sob contida vaidade, foi múltipla a atuação de Alfredo no mundo das letras e das artes. Passava pela interação contínua com os leitores, em colaborações na imprensa diária, intervenções em congressos universitários, sua lida como docente de literatura, orientador de teses acadêmicas e publicações de ensaios em revistas especializadas. Com persistência e acuidade, destilou sua energia investigativa sobre a criação estética e ciência das linguagens. Isto, a meu ver, revela um intelectual intenso. Além do *Dicionário de Regência Nominal Inglesa* (1978), a elencar correspondências gramaticais do português e o inglês, ilustradas sempre com frases vivas dos idiomas, Alfredo publicou outros livros muito bons. Em *A Ficção Distópica de Huxley e Orwell* (1970), repassa conceitos antropológicos, sociológicos e filosóficos de "utopia" e os aplica aos dois escritores para demonstrar, sobretudo, como se anteciparam a suas épocas. Em *Foco Narrativo e Fluxo da Consciência* (1981), aprofunda-se nos sistemas de estudiosos internacionais, abstraindo terminologias e métodos para o esclarecimento didático sobre "aquele que narra" em literatura. O livro tornou-se fonte de consultas em várias faculdades.

Em *O Simbolismo Animal* (em 2017, finalizava uma edição ampliada) inspecionou a oratória de um escritor máximo da Língua Portuguesa: Manuel Bernardes. Ao garimpar alusões a certos bichos na extensa obra do presbítero lisbonense, enfoca-os como signos que se abrem aos jogos de sentidos e os descreve nas acepções de 400 anos atrás. Assim, o minucioso estudo ultrapassa o campo de interesse da ficção artística e configura-se como base para o entendimento figurado de certos animais no espírito ancestral das nações ibéricas e hispano-americanas.



Coelho de Carvalho publicou ademais *Interpretação da Poética de Aristóteles* (1998), *O Narrador Infiel e Outros Estudos de Teoria e Crítica Literária* (2006) e *A Fascinante Ficção de Lygia Fagundes Telles* (2016), em que se aliam erudição, discernimento científico e consistentes ideias. A limpidez estilística de seus textos, prezando pela exatidão das palavras e se abstendo dos termos obscuros imprimem-lhe a feição douta do trabalhador contumaz e sensível. O contato com a pessoa amável, seus sorrisos a esboçar tímidas malícias, o professor aplicado e seus escritos nos gratificaram. Foi um privilégio o desfrute de sua tenacidade e brilho incomum, até o fim da vida. Cidadão universal, culto, um rio-pretense emérito (1932-2017).

*Ocupa a cadeira nº 1 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura



Legado pessoal

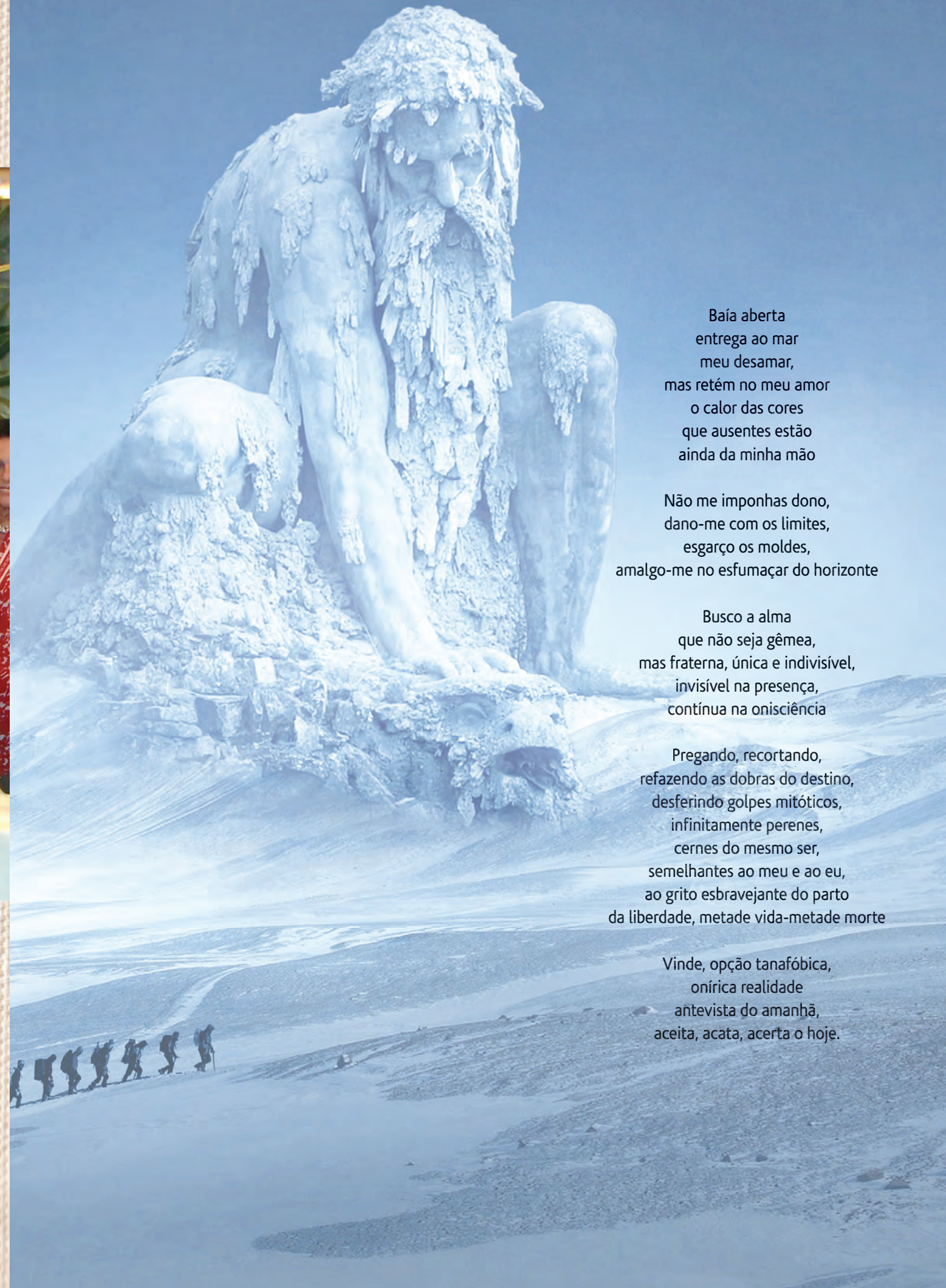


Em 1967, com minha aprovação para o quarto ano de Letras da FAFI e portanto antes do nascimento da UNESP, a expectativa da graduação foi suplantada pela abertura de concurso interno aos alunos para a função de Monitoria das várias disciplinas.

Tendo obtido o primeiro lugar em Literatura anglo-americana e em Língua inglesa, optei pelo primeiro, atraída pela dissertação de mestrado que o jovem prof. Carlos Daghljan desenvolvia sobre Emily Dickinson. João Carlos Gonçalves,

meu colega de classe, assumiu a monitoria com o prof. Alfredo Coelho e em maio, começamos a trabalhar.

Naquele mesmo ano de 1967, o prof. Coelho viajou para o exterior com a tarefa de concluir seus estudos de pós-graduação. No entanto, ele precisava de um substituto para suas aulas de Inglês na cidade de Cedral, onde era professor efetivo. Foi desta forma que recebi seu convite e, por um ano, fui duas vezes por semana a Cedral, para a querida escola Voluntário Carmo Turano, onde



Baía aberta
entrega ao mar
meu desamar,
mas retém no meu amor
o calor das cores
que ausentes estão
ainda da minha mão

Não me imponhas dono,
dano-me com os limites,
esgarço os moldes,
amalgo-me no esfumaçar do horizonte

Busco a alma
que não seja gêmea,
mas fraterna, única e indivisível,
invisível na presença,
contínua na onisciência

Pregando, recortando,
refazendo as dobras do destino,
desferindo golpes mitóticos,
infinitamente perenes,
cernes do mesmo ser,
semelhantes ao meu e ao eu,
ao grito esbravejante do parto
da liberdade, metade vida-metade morte

Vinde, opção tanafóbica,
onírica realidade
antevista do amanhã,
aceita, acata, acerta o hoje.



A VIDA ANDA

"Si se calla el cantor, calla la vida
Porque la vida misma es un canto."

Horacio Guarany

Andar sem manta,
manto, ataúde da morte,
sorte dos desgraçados,
fétidos imundos
da tribuna oprimidos

Que se plante o cantor,
semeie o som, dom maior
tom da dor, estilhaço de vida

Amarrada voz,
vós que aludes
a alaúdes retumbantes,
escutai o trinar,
o gozar da vida
das fibras entrelaçadas
dos retalhos
dos genes esfiapados
das células do afeto
dos poros adjuntos,
sepultos em distância,
na ânsia de um encontro

Vida que caminhas
leva-me no fluxo
incontido do ido,
findo no infinito estuário



angariei amigos que me são próximos até hoje. O diretor Plínio Polachini, professores Nelson Basile (Português) e Milton de Assis (Ciências) e tantos outros faziam da escola um ponto de encontro muito encantador e produtivo. Com os formandos daquele ano fomos a Santos, em uma viagem inesquecível! Anos mais tarde o saudosismo fez que se promovesse o primeiro encontro de turma e assim segue até hoje. Reencontros, alegrias, lembranças... tanto a comentar! Foi o maior presente que recebi do prof. Coelho, esse homem

lutador e corajoso.

Este ano, dias antes de sua partida definitiva, ele me ligou dizendo que gostaria que eu coordenasse o relançamento de seu livro, agora ampliado. Tinha apenas um pedido: que fosse em local de acesso a alguém de cadeira de rodas, porque não estava mais andando. Não deu tempo. Mas ainda faremos seu relançamento, querido professor!

*Ocupa a cadeira nº 29 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

ACADEMIA CONVIDA

Angelo Soares Neto*



SEDE

Pombos bebem água
porque têm sede.
Há homens que observam os pombos
e não têm sede,
não bebem e não dormem,
não sonham nem navegam naquilo a que se destinam,
na água que mata a sede, na sede de água do destino.

NAVEGANTE

Não é bom pensar, bom é só sobreviver
nadando em esperança.
Mundo pequeno, raça rança, refúgio,
dilúvio de pesares aquarelando vidas amarrotadas,
alegrias desesperadas,
subúrbios de intenções que contornam vazios.
Exista em nós alguns espaços sem travas,
os braços e as braçadas, os rios.

LASTRO

São sementes de palavras o meu peso
e a minha dúvida,
âncora e asa, sono e movimento.
Com inquietas predileções
o elástico dos dias se recria entre a vida e a morte
acariciando possibilidades
de venturas ou passagens,
passeia entre paredes e portas
como um navegante acostumado a tempestades
e se desmancha em dúvidas.

O BAILE

Falo pouco entre ritmos e cismas,
como se me ensinasse sempre o dom do comedido.
Às vezes falho, embrulhado em paixão.
Se amo é devagar, se quero é tanto,
se passo deixo concreto onde piso,
aerado, sempre leve, intenso e fugitivo
como num baile
onde a dança persegue a música,
o olfato o perfume da nuca,
os dedos os vãos dos vestidos.



José Luiz Balthazar Jacob



Maria Helena Curti



Nidia Puig Vacare



Norma Vilar



Romildo Sant'Anna



Rosalie Gallo y Sanches



Samir Felício Barcha



Sérgio Vicente Motta



Waldner Lui



Wilson Daher



Cecília Demian



Aguinaldo Gonçalves



Alberto Gabriel Bianchi



Antonio Carlos Del Nero



Antonio Florido



Araguai Garcia



Humberto Sinibaldi Neto



Hygia Calmon Ferreira



Paulo Cesar Naoum



Jayme Signorini



João Roberto Saes



Jocelino Soares

A FOME

A fome não está nos olhos que fogem gemendo da vergonha dos olhos, a fome vem do oco, do avesso que ruge e rasga, a fome são os olhos, nariz e boca do estômago que tem fome, que se torce e grita, que se reduz e chora. Ninguém vê a fome porque ela caminha por dentro mas o rosto da fome se chama tristeza, e o sobrenome dela é miséria. A fome não tem cheiro. Mas tem desejos. A fome não tem forma. Mas sua roupa se chama abandono. A fome não tem família. Mas tem filhos que também têm fome. Que têm doenças, que são amarelos, que tem remelas nos olhos. Alguns são vesgos e tem vícios, muitos outros nem isso, chegam e passam. Pesadelo plantado e triturado nos dentes da vergonha. A fome não tem sentido. Tem presença.

ÀS VEZES UMA LEMBRANÇA

O dia vai se construindo em tijolos de espelho cimentados em brio, saudade pregada na parede como um grito. Aperta sempre à noite a perda do querido, o querer naufragado, alegria resumida como um ar não respirado em profecia dividida. Metades distanciadas como a noite do dia, um ventre um tanto rasgado outro em remendos cerzido, certeza só que a alegria já não assume poesia nem risadas alargadas, nem nada que se sustente nas frágeis mesas da vida.

SOBREVIVÊNCIA

Me exclua para que eu seja obrigado a sorrir. Dos teus espaços, da tua vista curta, dos teus desejos inconsequentes, da tua condição de dona, de tudo aquilo em mim que não te pertence. Me exclua até da tua solidão para que eu viva.

VOLÚPIA

Em tuas mãos o meu segredo, que lambe teus dedos e passeia em tua pele com submissa insatisfação de escalas não cumpridas. Insisto no silêncio dos teus dedos quando gemem do cansaço de me percorrer, aflitos na espera de um consolo. Sem tradução te beijo, simples como um dia, intenso como um perfume que fala.

*Psiquiatra e legista. Membro da União Brasileira de Escritores, da Academia de Letras do Brasil, da Academia de Luminescência Brasileira, da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores

Prof. Ms. Toufic Anbar Neto*



DECIFRA-ME OU TE DEVORO

Imagine se ressuscitássemos uma pessoa do século 19. Ela ficaria assustada se mostrássemos o motor de um carro e disséssemos que aquela geringonça tem uma força equivalente a 600 cavalos. Continuaría assustada se mostrássemos um celular e disséssemos que aquilo substituiu o telégrafo ou o telefone de Graham Bell. Mas ao mostrarmos uma escola, ela diria: “isso eu sei o que é. É uma escola. No meu tempo já era assim”. Pergunto-me se a escola está formando os alunos como nossos pais. A resposta infelizmente é sim. É o padrão que minha geração aprendeu, baseado principalmente em poder e tradição. Pergunto-me a seguir se está funcionando. A resposta infelizmente é não. Os sistemas de ensino de uma maneira geral foram construídos com princípios e valores de uma realidade que não existe mais. É a mesma que coisa que ensinar jovens a dançar valsa. Pode parecer absurdo, mas já existem festas de formatura em que não se dança mais a valsa. É só balada...

Tenta-se ensinar aos jovens conteúdos cuja utilidade

é questionável até entre quem formula os programas educacionais. A frase dita por professores “guardem isto porque será muito importante um dia” soa vazia e sem sentido. Estamos dotando-os de habilidades e competências úteis para a sobrevivência intelectual deles? Eles estão desenvolvendo um espírito crítico e reflexivo para poderem avaliar e filtrar a avalanche de informações que recebem todos os dias? Novamente as respostas são negativas. Acredito que as fórmulas que vem sendo utilizadas há séculos na educação já não surtem mais efeito.

Um agravante para os conflitos são as diferenças marcantes entre cada participante do processo educacional. Os professores em sua maioria são oriundos de gerações criadas com muita disciplina e rigidez. Gostam de estabilidade na carreira e compromissos duradouros. Presenciaram muitos acontecimentos históricos e sentem-se parte da história. São dispostos a grandes sacrifícios para alcançar seus intentos.

As escolas em sua maioria possuem uma estrutura for-

Em cerimônia de gala, enriquecida com apresentações musicais de artistas internacionais, a Academia Rio-pretense de Letras e Cultura (Arlec) entregou os diplomas de posse do cargo a seus integrantes, entre escritores, artistas plásticos, cientistas, teatrólogos, jornalistas e fomentadores da arte e cultura. Foi realizada no dia 29 de julho, no Teatro Municipal Humberto Sinibaldi Neto, comemorando os nove anos de fundação da Academia.

Uma bela apresentação musical encheu os ares do Municipal antes da entrega dos diplomas pela professora Miriam Shaw, assessora da Secretaria Municipal de Cultura, representando o secretário Pedro Ganga. Em conjunto com o maestro Gilmar de Assis, os músicos italianos Claudio Colmanet e Pio Sagrillo (gaitis-

ta), além de outros da Orquestra Sinfônica de Rio Preto, ofereceram um repertório eclético com músicas eruditas e outras mais popularizadas.

Música, consagração, reconhecimento foram a tônica da solenidade, que começou com o discurso de boas-vindas da presidente Rosalie Gallo. Um encontro de grandes profissionais das letras, das artes, do pensamento contemporâneo, pessoas que cimentaram seu caminho disseminando o conhecimento e a beleza do mundo.

Vida longa à Academia e ao saber! Com ele, transformamos o mundo.

*Jornalista, ocupa a cadeira nº 6 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura





Academia de Letras e Cultura no Teatro Municipal Humerto Sinibaldi Neto



temente hierarquizada, um sistema de avaliação apenas conteudista, com regras que determinam desde o vestuário ao linguajar, e a pior de todas as normas: limitam o acesso à internet e ao inseparável celular. A escola há muito está em descompasso com o estudante.

Nossos alunos nasceram com o mouse na mão e o mundo globalizado, em contato com diversas culturas, acesso ilimitado à informação e em boa situação econômica. Aspiram à boa qualidade de vida desde cedo e nem sempre estão dispostos a sacrificar seu conforto em troca de sua ascensão profissional. Imediatistas, buscam reconhecimento e gratificação de forma instantânea. A vida é um seriado de TV sendo que cada dia deve ser um capítulo inédito cheio de aventuras e novidades. A rotina os massacra. Detestam regras e só as cumprem quando obrigados ou absolutamente necessário. Na maioria das vezes não as cumprem simplesmente não terem ideia de que o ato seja inadequado ou proibido. Fazendo um trocadilho com esta característica, é a “geração cem, sem noção”.

O que fazer? Urge que novas metodologias de ensino sejam oferecidas. Destaco as metodologias ativas em que basicamente ensina-se o aluno a “aprender a aprender”. Ele deve ser cada vez mais ouvido e participar mais da construção do seu conhecimento. Os significados dos conteúdos devem fazer sentido para os estudantes. As particularidades devem, na medida do possível, serem contempladas. Direção e professores deverão se aproximar mais dos alunos. A escola terá que ser atenta às transformações e ser ágil nas adaptações.

Neste processo, só existe uma certeza. Esta transformação de pensamento dará muito trabalho. Será desgastante. Doloroso. Só não podemos insistir num modelo que claramente mostra sinais de fadiga, com o risco de devorarmos o futuro dos nossos jovens.

Os tempos são outros. Paremos de achar que no nosso tempo era melhor. Quando ouço isso, lembro-me do trecho da música Sampa: “É que Narciso acha feio o que não é espelho.”

*Diretor da Faculdade de Medicina Faceres



A greve



Enival, aquele senhor com seus setenta e poucos anos, cabelos ralos, um pouco esbranquiçados, diariamente tomava seus remédios para pressão alta, além de outro para baixar o colesterol ruim, que não estava lá estas coisas. Estava sentado em um sofá meio desgastado, na pequena sala de seu minúsculo apartamento de quarto e sala, com vistas para um paredão cinzento de outro prédio ao lado, ou seja, sem vistas para nada que não fosse a monotonia do cinza sujo de uma parede antiga.

Não estava só nesta tarde de abril de um ano qualquer, pois sua mulher marcava presença na minúscula cozinha, com o cheiro do café que acabara de coar, café para dois, não muito forte para não piorar a saúde do marido e mesmo a sua, marcada por uma artrite crônica que enrodilhava alguns de seus dedos em forma de garras que

mal sustentam os utensílios de que dispõe.

Estava cabisbaixo, pensativo, parecia que alguma coisa acontecera ou estava acontecendo, começou pela negativa ao café que a mulher lhe trouxe, disse-lhe que não podia se dar ao luxo de ingerir o que quer que fosse, quando lá fora seus companheiros de luta estavam se desfomeando (não sabe onde arrumou esta palavra nova), enquanto ele permanecia esparramado em seu sofá diante da televisão, vendo as cenas horríveis das quais vinha fugindo, parecia sentir o odor podre daquelas cenas, então iria sair e ver ao vivo aquilo tudo, “não, não quero café, vou sair e não sei quando volto ou se volto”, apanhou o boné e saiu sem olhar para sua esposa, estupidificada pela situação.

Caminhava o mais rápido que podia, às vezes tapando as narinas quando o cheiro podre aumentava, trazido pelo

Diário da Região - De volta ao fim foi um dos vencedores do Jabuti 2017. O que representa para você, como profissional, ter recebido esta premiação?

Marcos Siscar - O Jabuti é considerado o mais importante prêmio brasileiro destinado ao mercado editorial. Ao contrário de outros prêmios, o foco não é tanto o financeiro, mas a visibilidade que ele dá aos trabalhos selecionados. Acho que tem dois interesses principais. O primeiro é o reconhecimento pelo trabalho (acadêmico, editorial ou artístico), como no meu caso, realizado ao longo de vários anos. Esse reconhecimento é muito bem-vindo, pois dá um novo ânimo para as coisas que fazemos. O segundo interesse, talvez o mais imediato, é a divulgação do próprio trabalho publicado. Muitos bons livros têm circulação restrita, sobretudo aqueles que são publicados por pequenos editores. Dificilmente entram nas redes de livrarias ou recebem atenção da grande mídia. Então, ao ganhar um prêmio, é como se a obra passasse a existir, efetivamente, para um público mais amplo. É o caso desse meu novo livro, *De volta ao fim*, que já vinha recebendo bom acolhimento pelo público universitário, mas que ganha agora outro tipo de visibilidade.

Diário da Região - Na sua categoria, você concorreu com nomes como Jorge Vicente Valentim, Sonia Netto Salomão e Álvaro Cardoso Gomes. Na sua opinião, o prêmio estava muito concorrido? Por que?

Siscar - Concorreram também, entre outros, Leyla Perrone-Moisés e Murilo Marcondes de Moura, nomes reconhecidos do meio acadêmico de literatura. Aliás, o livro de Leyla Perrone-Moisés, *Mutações da literatura no século XXI*, tem uma sintonia interessante com o tema do meu livro. Mas não sei dizer se o prêmio estava mais, ou menos, concorrido que em outros anos. Tenho a impressão de que a universidade brasileira produz regularmente trabalhos de boa qualidade que poderiam, muitos deles, ser premiados. Já tive dois outros livros como finalistas dessa mesma categoria, em outros anos (2011 e 2014). Um deles, *Poesia e crise* (publicado pela Editora da Unicamp), é um livro mais ambicioso e mais homogêneo que *De volta ao fim*. Esgotou-se em pouco tempo e se tornou referência na área dos estudos de poesia. Apesar disso, não foi ganhador naquele ano. O resultado desses prêmios depende muito das circunstâncias.

Diário da Região - Me fale um pouco sobre o *De volta ao fim*. Qual é o grande diferencial da obra?

Siscar - *De volta ao fim* é um livro que procura entender o estado contemporâneo da literatura (especificamente, da poesia), tentando evitar dois tipos de equívoco. O primeiro é reiterar o lugar comum de que a poesia está ‘em crise’; o segundo consiste em alegar que a proliferação de obras e autores, quantitativamente sem precedentes, impede a compreensão da vida literária contemporânea. Mais do que evitar esses equívocos (comuns no jornalismo, na universidade, nas instituições de cultura, nas discussões pedagógicas), é um livro que os transforma em tema. Em *Poesia e crise*, eu trazia essa questão da ‘crise da poesia’ de modo mais amplo, retomando aspectos teóricos e comentando poetas de várias épocas. Em *De volta ao fim*, faço uma tentativa de colocar essa discussão na esfera mais próxima e mais específica da poesia contemporânea (brasileira, sobretudo, mas também francesa) e de algumas situações que se apresentam para a crítica literária. Uma dessas situações é a ideia do ‘fim das vanguardas’. O livro começa analisando o ensaio ‘Poesia e modernidade’, de Haroldo de Campos, texto de 1984 que ficou conhecido por declarar esgotada a época dos movimentos de vanguarda poética e artística. Para a crítica literária brasileira, o texto se tornou uma espécie de modelo de compreensão da poesia do final do século XX e começo do século XIX. O meu propósito não é simplesmente concordar ou discordar com o diagnóstico, mas mostrar como as propostas do poeta vanguardista que era Haroldo de Campos pautaram as discussões posteriores, influenciando o modo como nos vemos e nos definimos ainda hoje (por exemplo, como época de diversidade e de pluralidade de iniciativas). Paralelamente, me interessava mostrar como as discussões sobre poesia frequentemente estão às voltas com o tema da crise, do fim, do colapso. Por isso, o título do livro é *De volta ao fim*: o que poderia a princípio parecer um contrassenso (não se pode voltar para aquilo que já teve fim) é, na verdade, uma forma de mostrar que essa referência ao próprio fim é uma estratégia crítica da poesia. O livro traz ainda, em torno dessas questões, textos mais amplos sobre o estado da poesia contemporânea no Brasil e na França, além de análises da produção poética e crítica de Haroldo de Campos, Ana Cristina Cesar, Armando Freitas Filho, Jean-Marie Gleize e Michel Deguy.

Obra de Marcos Siscar vence Jabuti



O acadêmico Marcos Siscar foi um dos premiados na 59ª edição do Prêmio Jabuti (2017), o mais importante prêmio literário brasileiro. O poeta, professor, tradutor e escritor foi um dos vencedores na categoria Teoria/Crítica Literária, Dicionários e Gramáticas com a obra “De Volta ao Fim: O ‘Fim das Vanguardas’ Como Questão da Poesia Contemporânea”, publicado pela editora 7Letras. Siscar é natural de Borborema e veio para Rio Preto em 1996, onde ficou por 13 anos.

A seguir, reproduzimos trechos de uma entrevista concedida à repórter Francine Moreno publicada no jornal Diário da Região, na edição de 7 de novembro do ano passado.

vento suave do mar que agora estava ali a sua frente, com gente esparramada pela areia da praia, enquanto alguns objetos boiavam em vaivém contínuo nas ondas da orla. “Parecem corpos”, pensou, mas duvidou de si mesmo, fossem corpos e estariam todos curiosos, de pé, enquanto os salva-vidas os arrastassem para a praia, como fariam com baleias encravadas em bancos de areia. “Não, não são corpos”, pensou de novo. “Ou são”? repensou.

Olhou-os de novo, agora demoradamente, pesquisando o que seus olhos teimavam em ver ou não ver, mas se distraía de imediato, quando uma adolescente em seu minúsculo biquíni se lançou nas águas do mar. A adolescente bonita e o objeto naufrago confundiram sua cabeça, então resolveu caminhar até o metrô que o levaria ao centro da cidade. Durante o trajeto observou uma velha senhora deitada, espichada por inteiro em um dos bancos, enquanto havia gente de pé, se equilibrando com suas valises em um dos braços, enquanto a outra mão se agarrava nas argolas do teto.

Não entendia porque ninguém reclamava, estavam indiferentes, nem reparavam na velha senhora esquelética, com suas carnes desnutridas, as pálpebras fechadas, encovadas, parecia morta, “mas que ideia estúpida”, mas nada mais lhe parecia estranho, estúpido ou absurdo depois da cena da praia, os objetos-corpos boiando no vaivém das ondas, enquanto os banhistas se estendiam em seu banho de sol, indiferentes aos objetos e ao cheiro que parecia não incomodá-los.

Escutou uma gargalhada entre passageiros próximos, ouviu alguma coisa pouco explícita para seus ouvidos já precários, percebeu, no entanto, que falavam de aposentados, de coveiros, mas falavam com naturalidade, pois até combinavam um jantar para o fim de semana, “minha esposa vai adorar” disse um deles, enquanto ria alto, indiferente à mulher (morta?) espichada no banco lateral.

Preparava-se para o desembarque na próxima parada, quando viu um jovem bronzeado, camisa semiaberta no peito, empurrar a mulher para o chão, ocupando o seu espaço e deixando outros em aberto, que logo foram ocupados pelos que davam gargalhadas.

O trem parou e ele desceu sem olhar para trás, na certeza da mulher morta. “Era aqui que eu deveria estar desde o primeiro dia”, pensou em voz alta enquanto descia uma ladeira que desembocava na Praça Central, fazendo malabarismos para pular alguns cadáveres que destilavam seus humores nas pedras da rua.

Na praça sentiu o calafrio da decepção, pois enquanto executivos passavam engravatados, com pressa para seus escritórios, sem nem mesmo perceberem o cheiro podre que emanava dos corpos em decomposição,

somente se preocupando com os ratos que infestavam toda a praça, o comando da greve, com certeza por causa da fome, se prostrava junto aos seus alto-falantes mudos, àquela altura inúteis, sem nenhuma manifestação de solidariedade, exceto a dos coveiros e lixeiros que se juntaram à sua greve, a greve de fome dos aposentados. “Arriscar morrer de fome, para não viver com salários que provocam fome” era o lema da campanha e Genival só agora, depois de evitar a tentação do cheiro do café coado, se engajaria ao movimento que começara há tempos. Percebeu algo que o assustou: teria que assumir o comando das mãos dos prostrados, pois estava bem nutrido, inteiro, cheio de um vigor físico que os outros já não tinham, mas enfim, pensou, talvez fosse esta a sua missão quando deixou sua mulher sem mesmo olhar para trás e viu os corpos boiando no mar ante a indiferença dos banhistas que tomavam sol.

“Acho que somos invisíveis aos olhos dos outros”, pensou, enquanto se dirigia ao palanque do comando de greve e tomava o microfone em suas mãos, tentando acordar os prostrados pela fome e sensibilizar a multidão que passava indiferente aos protestos da classe.

Ocorreu-lhe uma ideia que, a princípio, lhe pareceu luminosa: convocar os parceiros e as parceiras para aderirem ao movimento e engrossar assim a massa de grevistas, mas logo a repudiou, pois calculou que, com certeza, o governo que se recusava até então a ceder um passo sequer no diálogo com os aposentados, iria soltar rojões de contentamento, ao perceber pensionistas morrendo nas sarjetas, livrando a Previdência de milhares de benefícios.

Genival permaneceu na Praça Central durante muitas semanas, percebendo a fraqueza contínua da voz, o tremor das mãos que já nem seguravam com força o microfone, a boca seca, fétida e pegajosa, as pernas que não mais o sustentavam de pé.

A morte lhe chegou em uma manhã fria de maio, antes que soubesse do fim da greve, por decreto governamental, que a considerou ilegal, um acinte à ordem pública e um desrespeito à Secretaria de Higiene e Epidemiologia. Seu corpo foi o primeiro a ser jogado pelos lixeiros dentro do caminhão coletor e só não foi o primeiro a ser jogado em uma cova pelos coveiros, porque atirado junto a centenas de outros corpos em decomposição em uma imensa vala comum. Não lia, então, as manchetes dos jornais do dia seguinte, que exaltavam a Secretaria de Higiene pelo extermínio dos ratos que infestavam ruas e praças da cidade.

*Ocupa a cadeira nº 9 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura



A Polentara e o Calabrês



Exposição:

Trés Bien. Cést Paris!



Pingos, linhas, curvas. Brumas e névoas. Paris é redescoberta. Eiffel é torre, é limite, é infinito. De longe se avista o marco da capital francesa; de perto se vê o chapéu da moça de costas ao mundo, de frente às nuvens. Assim surge a obra de Regina, entre cores, indagações e riscos. Em todos os sentidos São emaranhados de vida, manchas das mãos e do coração: esfregaços de compaixão. Em outras telas há um mar de plumas; em mais outras são respingos de ouro, grãos da terra fértil, das ondas da alma desta artista que busca, risca e rabisca, apaga e recomeça. E chega de mansinho com suas avalanches de cores, sua alegria estampada em grandes telas. Abstrata na forma, concreta nos temas e em seu caráter firme e sincero. Junto, as fotos artísticas do design de joias de Nathália Volpe. São as joias da Rainha Regina! Salve Rainha! Ave Regina!

"Trés Bien. Cést Paris!"

Artista: Regina Cheida

Escritor: Nidia Puig*

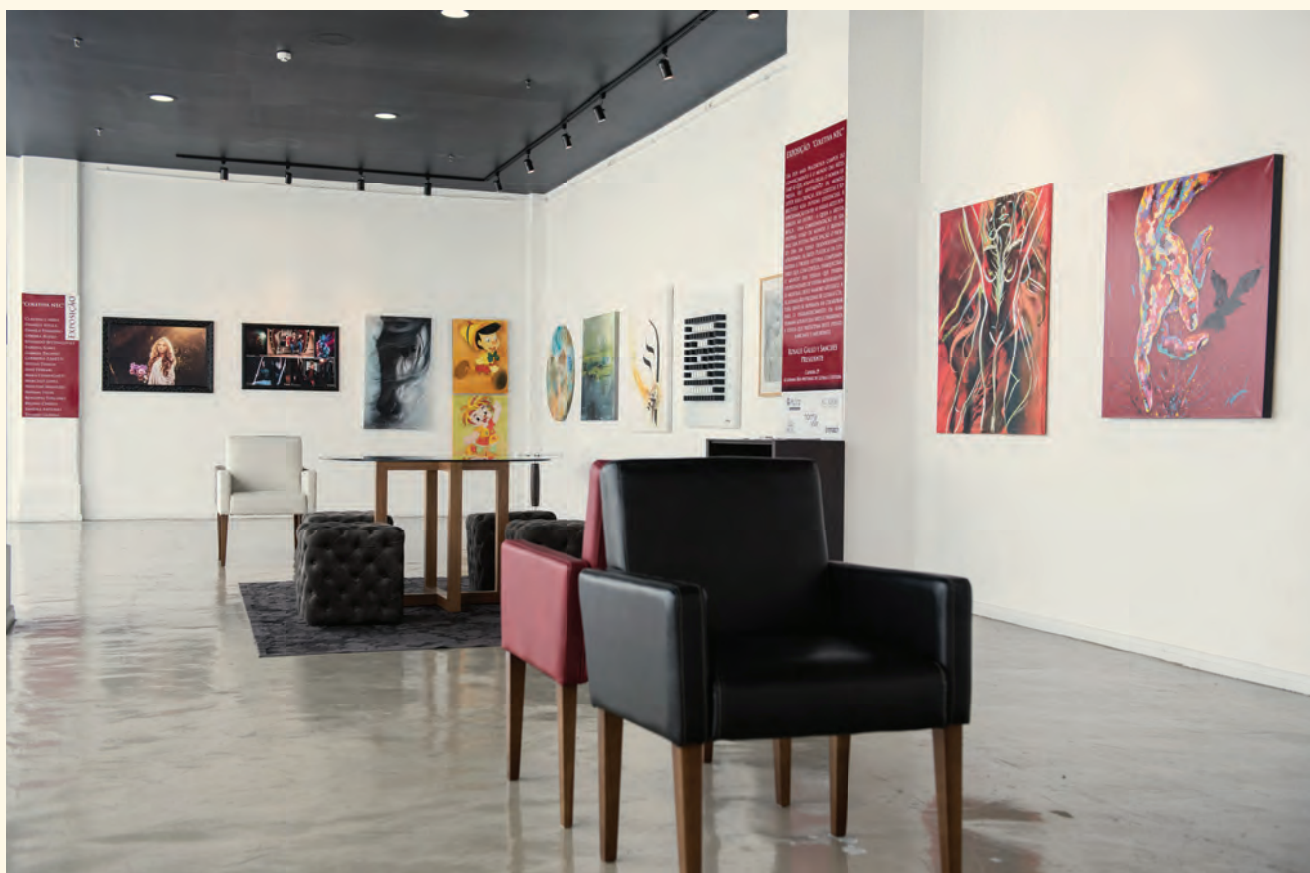
*Ocupa a cadeira nº 36 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

ARLEQUINA



Augusto Holt 17

Exposição: Coletiva NEC



“Namoro com a Literatura”

(Vários Artistas)

Escritor: Rosalie Gallo y Sanches*

Um dos mais prazerosos campos do conhecimento é o mundo das Artes.

Sabe-se que, através delas, o homem expressa seu sentimento do mundo, expõe suas crenças, suas certezas e, sobretudo, suas dúvidas existenciais.

A aproximação entre as várias Artes possibilita ao outro – a quem o Artista busca – uma complementação de sua própria visão de mundo e reavalia nele sua efetiva participação.

O Projeto ora em desenvolvimento aproximou as Artes Plásticas da Literatura e trouxe leituras complementares que, com certeza, enriquecerão o mundo das pessoas que tiverem oportunidade de visitarem mensalmente as mostras desse namoro artístico.

A ARLEC – Academia Rio-pretense de Letras e Cultura sente-se honrada em colaborar para o engrandecimento da alma humana através das Artes e parabeniza a todos que participam deste evento marcante e importante.

*Ocupa a cadeira nº 29 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

“...quando si pianta la bela polenta, la bela polenta si pianta così, fiorisce così, la bela polenta così ... cia cia pum, cia cia pum...”

Vinda do norte da Itália, cabelos loiros como os trigais da região, era nata Molinare, denotando que nascera numa região de moinhos.

Olhos de um cerulian blue, transparentes, que passavam de doces a severos, mostrando claramente a emoção despertada em cada momento. Doçura e rigidez se alternavam, indo de uma generosidade incrível a suspeitos excessos de “beatice” e “pudibundice”. Exemplo disso eram os mendigos que atendia em sua porta, em contraponto a sua caneta que rabiscava implacavelmente, cobrindo os decotes e a “pouca vergonha” fotografadas pelas revistas Manchete e O Cruzeiro.

Excelente cozinheira, preparava a cada domingo um quitute diferente de seu precioso livro de receitas. Assim, agradava o paladar de cada um dos seus familiares.

Até os não “oriundi” entre amigos e vizinhos conheciam a culinária italiana de cabo a rabo. Diziam brincando com as estranhas palavras, que preferiam comer CUDIGUINS e BRUSCHETAS, mas na verdade favoritos eram mesmo os pratos preparados com a BELA POLENTA ...

Polentara casara-se com um tipo mediterrâneo, de pais calabreses. Criado sob um regime rígido, crescido no interior do estado de São Paulo, ele havia se tornado um verdadeiro “Bel Antonio” à brasileira. Malandragens à parte, ele se pelava de medo de “essere fritto e sfarinato”, como diziam sua mãe e a nonna Saletta. Apaixonado por cinema, viveu para construí-los. Onde houvesse um bom terreno e preço tentador, fazia surgir uma nova casa de exibição cinematográfica.

Entre as muitas cidades que o jovem calabrês conheceu, uma em particular lhe despertara um maior interesse. Assim, estando pelos idos de 1970, um cinema de luxo seria construído e inaugurado em sua praça central, com toda pompa e circunstância.

Era um sábado promissor.

Após o discurso, veio o corte da faixa inaugural, na presença do Senhor Bispo, do Pároco, das autoridades locais e convidados.

Um coquetel pleno de sabores do norte ao sul da Itália foi servido... e dada a largada na cabine de projeção.

A mando da Embrafilme, órgão oficial do governo de então, um diretor e um ator renomados vieram prestigiar

o evento. Prestigiaram ...mas aproveitaram a ocasião e trouxeram um “trailer” para ser exibido, divulgando sua mais nova película.

Na correria dos preparativos finais, curto-circuito de última hora, acatou-se sem prévia censura o pedido da Embrafilme, de encaixar a tal propaganda, antes de soltar o filme principal.

Silêncio total, escuridão da grande sala, que foi ficando mais escura e menor, à medida que passava o tal do “trailer”. Deville de Almeida se esmerara na direção dessa “obra”, caprichando sobretudo nas cenas picantes de nudismo e de sexo, com zooms altamente eróticos e extremamente impróprios para a ocasião.

O show começara quente!

A tela avançava pelas paredes e ameaçava sufocar a seleta plateia.

Privação de sentidos a princípio; “pegapacapá” em seguida. O proprietário do cinema saiu correndo, atropelando alguns funcionários que também voavam para arrancar a tal pornochanchada do projetor.

Eram olhares atônitos

Era copo que quebrava

Eram risinhos nervosos

No silêncio que reinava

Era o padre que corria

E bispo que tropicava...

Criançada que tremia

E a Polentara...esbravejava.

A doçura azul do olhar demorou a voltar e a rigidez da mirada TRITUROU o marido calabrês por infundáveis semanas. Foi nessa oportunidade desastrosa que o Calabrês sentiu na pele o verdadeiro sentido da expressão “fritto e sfarinato”, tão usada pela mãe e pela nonna.

Por essas e outras, escolho como homenagem póstuma a receita de POLENTA com CALABRESA TRITURADA que a Polentara gostaria de ter servido no domingo seguinte à tumultuada inauguração.

“quando si mangia la bela polenta, la bela polenta si mangia cosìla bela polenta così cia cia pum, cia cia pum”.

*Ocupa a cadeira nº 10 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.

Conto selecionado para a Antologia Vozes Ítalo-brasileiras II, como resultado do 2º Concurso Literário BrasilItália, promovido pelo Comites SP



PIRANGI INESQUECÍVEL

Vivi mais um pouquinho de alegria na minha vida já feliz e cheia de bons momentos. Parecia estar sonhando acordado no paraíso terrestre.

Por uma rara felicidade do destino e com euforia, no dia 9 de março de 2012, entrei na Casa de Cultura de Pirangi, num momento de pura emoção para participar do lançamento do livro "Pirangienses Inesquecíveis", de autoria do professor Alberto Luiz Massabni. De cara, lembrei-me do Cine Mascote.

Algo inusitado aconteceu e minha mente emudeceu, quando foi anunciada pelo editor e jornalista Wiliam Gustavo Batista a presença da Banda de Música da Corporação Pirangiense Sete de Março, apelidada no passado "A Furiosa", por causa do som estridente que ao longe se fazia ouvir.

Foi fundada no dia 7 de março (aniversário de Pirangi) de 1935 e fez sua estreia no dia 25 de dezembro de 1935, na casa do dr. Canabraba Filho, por ocasião do seu aniversário, segundo o livro "Centenário de Pirangi", do professor Alberto Luiz Massabni, edição de 1995.

Andou inativa durante muitos anos e foi reorganizada pelo maestro Carbureto (Eurípedes Batista Ferreira) que abriu o cerimonial daquela noite com a música

"Aquarela do Brasil". Lá estava o Simão (Arnaldo Simão Alves) com seu pistom. Conheci o Simão quando era muito jovem, e ele já tocava na Banda.

Meu coração disparou e o meu corpo ficou todo arrepiado, tamanha a emoção.

Povoaram minha mente fatos inesquecíveis e imagens de pirangienses fantásticos. Lembrei-me do mês de dezembro de 1958, quando terminei o Grupo Escolar e naquela época se fazia festa de formatura. A nossa foi realizada no mesmo prédio (que era um cinema, Cine Mascote) do sr. Vitor Prates. O palco talvez seja o mesmo.

Eunice Passalongo (a Titona) e Eudenice Passalongo (a Titinha) no acordeom tocavam a mesma música "Aquarela do Brasil" e o meu primo Jefferson Luiz Camargo dançava de forma radiante; um grupo de meninos e meninas, formando junto comigo, dançavam "Farinhada" (Tava na Peneira) – Zé Dantas, todos com uma peneira nas mãos e que foram doadas pelo meu tio Afonso Rodero Costa "Seu Alonso"; nossa professora Dona Zilda Redígolo organizou uma peça teatral com o título, salvo melhor juízo, "Eram Bolas e não Balas". A artista principal era a Marinilda Aparecida Marcussi, eu e o Edson Amato éramos coadjuvantes.

Foi um show. Lembrei-me presente numa das formaturas. Não pode e do livro do i Logo em se Von. Mais e da adolescência nos bancos falassem... Camor! Só fal desse dizer: Fui crescenc queci a felic nas ruas, no tudo começ Invadiu min e meninas (de Abreu S; ano do Gru inesquecível Na plateia (ca de ouro

brar da mulher, a captura da emoção, a linguagem dos corpos. "Quem não é bom observador, não consegue" diz ele. "Tem pessoas que o charme é o exagero, então eu vou lá, tenho que captar como o outro age." Lézio é sentimento.

Na adolescência dos seus 17 anos, começou apresentar ao Diário as caricaturas de jogadores que fazia nos intervalos de trabalho no cartório. Ia saltitante ao jornal, feliz porque seus desenhos agradavam.

Ganhou 25 prêmios de salões de pintura (incluindo o de Humor de Piracicaba), ilustrou gente para os jornais Folha de S.Paulo, O Estado de S.Paulo, Valor Econômico, Agora e revistas Veja, IstoÉ, Época, Rolling Stones.

Sua paixão é a caricatura.

Lição de casa: Caricatura é um desenho de forma humorística de um personagem da vida real. Charge é um estilo de ilustração com a finalidade de satirizar por meio da caricatura. Lézio faz os dois estilos.

*Ocupa a cadeira nº 6 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

Exposição:

Rabiscos em aço Cores para a alma



"Cores para a alma"

Artista: Sebastião Rodrigues
Escritor: Aguinaldo Gonçalves*

e eis que na esfera bidimensional o mundo (pelas mãos do artista) emerge (como se) fosse o explosivo encanto em que Sebastião Rodrigues do terracota e das cores do mundo passasse a

derramar o mundo em blocos de azul no branco que se integra pelos pedaços de sonho em forma de desmanche arruinado pelo tempo e modulado pela sábia mão do artista.

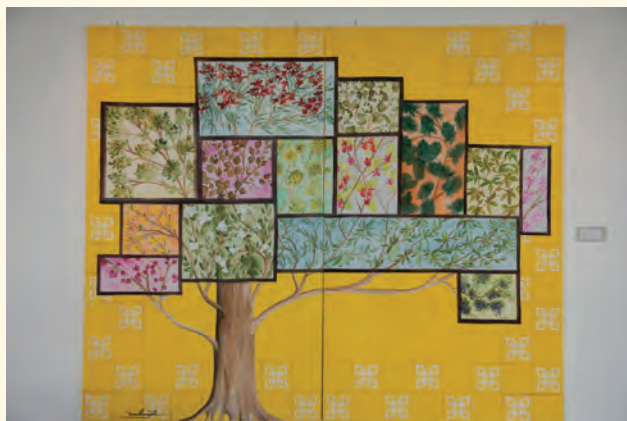


"Rabiscos em aço"

Artista: Romildo Cardozo
Escritor: Aguinaldo Gonçalves*

eis que nos desvãos aéreos o metal se dá à metamorfose come se a materialidade volátil da vontade metade fosse leve tridimensional forma densa do equilíbrio da dança metade da forma fosse a matéria prima por deus proposta pela primeira vez se impusesse derretida por Romildo Cardozo disposta feita área refratária e pelo artista disposta.

Exposição: Tropical



“Diante da artista, a tela branca”

Artista: Mara Chievegatti

Escritor: José Luiz Balthazar Jacob*

Diante da artista, a tela branca, qual a mente do recém nato na concepção de Locke (uma página em branco ou tábula rasa).

Da mente da artista partem impulsos que geram movimentos diversos, que vão tomando formas e cores inesperadas. Também os estímulos dos pais vão começando a preencher a mente da criança, que pode os receber e interpretar de várias formas. A artista reflete sobre a imagem que vê e com seu dom criativo vai desenvolvendo novas formas. A pouco e pouco vai trazendo para diante de seus olhos, imagens que habitam seu cérebro e que retratam seus sentimentos. A criança também se desenvolve e passa a reconhecer o que está diante dela e a exprimir seus sentimentos. De quantas variáveis depende a qualidade de uma pintura não sei, mas existe uma variável soberana que é o sentimento que ela provoca em que a vê. As pinturas de Mara me trazem ao coração e à mente a expressão de Natureza e Vida. São imagens que me reportam a períodos que já vivi e sei que não voltarão, mas também a momentos que ainda vivo e, que por refletirem a Natureza tão vivida que ela incute em sua arte, sei que muitos deles ainda viverei. Por isso fiz a comparação com a criança, expressão maior da Vida. Não sei que adulto será nem se tornarei a vê-la, mas com certeza a Natureza fará com que eu a veja e ame muitas outras crianças, seres ainda puros e imaculados.

Desta forma, para mim, a arte de Mara é arrebatadora e apaixonante, pois a cada pintura ela revela facetas da natureza que não podem ser arrasadas nem corrompidas pelo homem. É a Natureza das forças fundamentais o ar, a terra, as plantas, os astros e os diferentes seres que humildemente deveríamos agradecer por estarem conosco. Encantei-me com sua obra, Mara, e levarei dela a eterna

lembrança de ter podido escrever o mínimo sobre um trabalho sério, dedicado e com tão lindo resultado, que só pode trazer alegria e felicidade a quem tiver o prazer de vê-lo. Quem ama a Natureza irá se identificar com a obra de Mara Chievegatti.

*Ocupava a cadeira nº 28 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

Exposição: Lézio Infinito



“Lézio infinito”

Artista: Lézio Jr.

Escritor: Cecília Demian*

Um traço aqui. Um bigode ali. A boca carnuda. Olhos lânguidos. Exagerados. O topete maluco. E VOILÁ!, surge um rosto. Lézio é um gênio! Chargista e caricaturista agora com expansão internacional, ele entrelaça humor e cultura, memória e atualidades, um artifice da história cotidiana. Com a arte da ilustração, Lézio conta a nossa própria história e figura no pelotão de elite da caricatura universal. Vejam o último prêmio recebido no International Trumpism Cartoon & Caricature Contest Irã 2017, quando desenhou o presidente americano Donald Trump assinando seu nome num muro divisor de povos. Conduziu sua carreira a um ponto que poucas pessoas conseguem atingir no mercado, com momentos consagrados para um jovem chargista. Seus traços quase melódicos o converteram em um fenômeno. Consegue desmistificar figurões sagrados e dar graciosidade ou humor a pessoas comuns. Um desenhista best seller.

Sua especialidade é: humanos. Desde o primeiro desenho na infância dos seus 8 anos, em que ele retratou um dos seus irmãos, Lézio não conseguiu aquietar os pincéis e lápis. Na faculdade de Jornalismo, a professora de Psicologia apresentou o tema ‘limão’. Escrevam o que quiserem. O aluno Lézio não escreveu, sob pena de perder nota, mas desenhou um primoroso galho com limões. Esse é o Lézio. Que vê o mundo em linhas, traços, curvas, métricas, grandes olhos, observando a luz, o reque-

v emocionante, nunca esqueci.

da Nazima Aparecida Massabni que estava neste mesmo lugar em 1958, uma vez que era mandas, irmã do professor Massabni, e que star presente na solenidade do lançamento rmão.

guida a Banda tocou “A Praça”, de Ronnie mais emoções. Aí começaram as lembranças ncia, os encontros e os namoros inocentes das praças de Pirangi. Ah! Se esses bancos Quanta coisa linda e pura!... Quantas juras de ltou tocar “Lampião de Gás” para que eu pu- Pirangi, “Quanta saudade você me traz...”.

lo, percebi que o tempo passou e nunca es- idade que encontrei, nas praças, nos bancos, sítio e na casinha que morei, pois foi lá que ou...

ha alma o rosto de todos aqueles meninos da minha classe, no Grupo Escolar Joaquimampaio Vidal, especialmente os de 1958 (4º ipo Escolar) que também são pirangienses is.

estavam pessoas que viveram aquela época e que participaram da minha formatura,

Ideh e Ineh Camargo, professor Antonio Aparecido Botelho, Sônia Columbelli que estudou na minha classe e muitos outros.

Confesso que tive muito orgulho por estar naquela solenidade de lançamento de livro, especialmente por se tratar de um livro de autoria de um amigo, um irmão dos velhos tempos, Alberto Luiz Massabni. É muita honra estar no meio de pessoas que comigo conviviam na melhor fase da minha vida, durante alguns anos na década de 50 e 60.

Pirangi que sempre amei, divinizei todos os dias da minha vida e que em todos os lugares por onde andei lembrei-me dos bons ares que respirei e que jamais esquecerei. Pirangi que muito me ensinou e abrigou todos os meus familiares com todo carinho, sempre estará nas visões do caminho que eu percorrer.

Muito obrigado, Alberto Luiz Massabni, muito obrigado, Pirangi por mais este momento de paz e harmonia! Noite feliz - final do verão de 2012.

*Ocupa a cadeira nº 44 da Academia Rio-Pretense de Letras e Cultura

José Luiz Balthazar Jacob*



Olá, IRMÃO

— Olá, meu irmão,
como vão as coisas?
Silêncio, nenhuma palavra,
apenas a sensação de uma presença vaga.
— Tudo bem com você?
De novo nenhuma resposta.
— Sinto falta e isso dói.
Nada, só a sensação abstrata.

Por que, então, insistir?
Tivemos um longo tempo para dividir.
Com certeza é a dor a nos fazer refletir,
mas isso não imaginamos antes de um partir.

No silêncio a tristeza continua.
É possível que nunca cesse.
Mas os sonhos que tenho contigo,
Ao menos, meu coração aquece.



Exposição: Quadrinhos de poesias 'afinidades eletivas



"Quadrinhos de poesias 'afinidades eletivas"

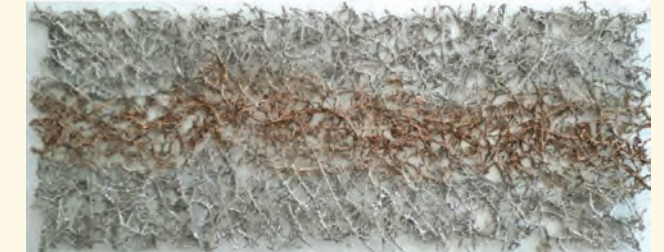
Artista: Sergio Motta

Escritor: Aguinaldo Gonçalves



*Ocupa a cadeira nº 20 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

Exposição: Tramas



"Tramas"

Artista: Norma Vilar

Escritor: Rosalie Gallo y Sanches*

Descascando-se a terra, por baixo da pele que encobre o chão, sobrevive um aparente emaranhado de raízes, tramas escondidas que se mostram sem começo nem fim, em cores básicas de terra nua.

Cruzando caminhos de cinzas e beiges nasce o fendi, o marrom cor de terra lavada, a primitiva cor da raiz, as veias de seivas transparentes, a trama de cada um, a origem da vida.

Diante da exposição à luz, a oportunidade de se transformar em nuance da luz ensolarada para deixar o amarelo se instalar como reflexo de vida e de valor.

Por baixo da pele já desgrudada, entretanto, entrelaçando entre tantos ramos endurecidos, a natureza rendeira tece a arte da vida e convida uma tecelã de seivas que não deixa perder nada de si nem do que possa dispor: fios, ramos, tranças, tramas, cores, nós.

A natureza mãe se põe então a reciclar através de uma filha, uma artista rendeira, fazedora de arte inovadora que trabalha a estratégia do Belo e permite que nasçam esculturas, algumas circunscritas em forma de quadros. Então lembramos nossas origens e sonhamos com nossos futuros, caminhos da terra ao céu, rumo a espaços maiores onde em vez de emaranhados que nos prendam ao chão, seremos um dia flores ensolaradas ou anjos. Com asas copiadas das raízes. Mas muito mais leves e que nos elevem acima de tantos nós. Tudo antevisto por Norma Vilar.

*Ocupa a cadeira nº 29 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

Exposição: Esquadro



“Esquadro”

Artista: Newton Malvezzi

Escritor: Rosalie Gallo y Sanches*

A ele nunca bastou a bidimensionalidade. Queria muito mais que a largura e a altura. Queria volume. Queria movimento. Queria escapar da moldura.

Primeiro, começou a recriar com o que existia e depois evoluiu para suas criações geométricas, onde o espaço saltou do plano e invadiu olhos e paredes.

Não são apenas quadros o que Newton Malvezzi cria. Não é apenas diversão, o que ele pretende. Seu intento é alcançar a sensibilidade do espectador que usufrui sua arte, não somente como um simples prazer mas levar cada um de nós a um estágio mais profundo de significado, relendo e revivendo nossas emoções mais fortes, a apelos represados, como aqui, ligados à Pátria ascendente.

Da linha reta (a conhecida sequência de pontos) o artista cria caminhos diretos dos olhos às almas e nos transporta àquele ponto interior – também infinito nesta reta! - em que o êxtase não se explica, apenas se sente e faz rejubilar. No jogo de volumes vemos o movimento que há no artista e deseja se expressar, deseja sair dos limites, deseja extrapolar. E consegue.

Arnheim deveria ter conhecido a produção de Newton Malvezzi. Saberíamos que o poder do centro não mais pertence à obra de arte, a não ser que ela se limite à bidimensionalidade. Na obra de Malvezzi, o poder do centro se transferiu lindamente do artista ao espectador.

Felizes somos nós que podemos descobrir o que estava escondido nos esquadros angulosos de nossos sentimentos através das obras de Newton Malvezzi!

* Ocupa a cadeira nº 29 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

Exposição: M de Marias



“M de Marias”

Artista: Germana Zanetti

Escritor: Vera Paráboli Milanese*

Toda a obra de Germana é uma explosão de cores, luz e alegria. Seus pincéis, com reflexos do grande Picasso, criam, desde a infância da artista, um mundo colorido que a todos agradaria habitar. Tudo nos leva à beleza do universo feminino em suas infinitas possibilidades. Daí as cores, daí as flores, daí os amores...

Amores de todas as formas, amores de todas as cores.

As cores de Germana impactam os nossos olhos, penetram nossas retinas e trazem alegria à nossa alma. Germana nos empresta seus olhos sensíveis e suas mãos habilidosas. Aí está seu talento e generosidade.

Germana é uma poeta do cotidiano: ela toma o objeto comum e o transfigura para que vejamos a sua essência poética, despida de todas as suas exterioridades.

Quantas Marias Germana tira de dentro dela... Marias e poesia! Marias que trazem cor a um mundo cinzento; beleza a um mundo violento; alegria a um mundo triste, perenidade a um mundo efêmero.

Sua arte colorida nos lembra que existe um alimento de outra natureza, experiência do belo que nos sacia e também nos leva a sempre voltar a ter fome. Fala-nos que a alegria existe, que a beleza é simples e o amor, sempre possível.

Em sua percepção artística, Germana vê poesia na simplicidade e no caráter corriqueiro do dia a dia. Se tivesse que flertar com escritores, as Marias de Germana escolheriam as crônicas de Rubem Braga e os poemas de Adelia Prado ou Drumond, pois esses autores encontram o belo nas coisas simples da vida. Justamente onde vive e reina a verdadeira poesia.

* Ocupa a cadeira nº 34 Academia Rio-pretense de Letras e Cultura



Brincando de Temer

Temer começou a temer,
pois o povo já não quer Temer
E a nação passa a temer,
que se conclua o mandato de Temer.

Qual a razão para temer?
O que ainda pode nos fazer Temer?
O que dele devemos temer?
Com tantas evidências contra Temer?

Se fomos esbulhados por Temer,
está feito e nada adianta temer.
Revolta popular não irá depor Temer
Cabe aos demais poderes não o temer.

Mas quem reclama de Temer?
O povo em geral por temer?
Porém, a população elegeu Temer,
Sem sentir nada a temer.

Aposentados xingam Temer,
pois tem muito a temer
Trabalhadores odeiam Temer,
mas nele votaram sem temer.

Então, o que fazer com Temer?
Apenas continuar a temer?
Pensar, refletir ao votar, e menos temer,
porque há gente ainda pior que Temer.

Que a chapa Dilma e Temer,
ensine o povo a enxergar o que temer,
pois dois partidos, um de Lula e outro de Temer,
julgaram que com poder, nada tinham a temer.

* Ocupa a cadeira nº 28 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura



Por detrás do vestido de noiva



Renato e Ellen estudaram juntos toda a vida e agora concluíam o curso de Direito. Na noite da formatura, decidiram-se casar.

Os pais de Renato eram fazendeiros e donos do frigorífico, enquanto Ellen fora adotada por dona Eunice e seu João, modestos comerciantes na cidade. Ellen, muito bonita e inteligente, prestava serviços advocatícios como estagiária no frigorífico, onde fora efetivada logo após sua formatura com a responsabilidade de assumir o Departamento Jurídico. Renato comandava as fazendas do pai e fornecia a carne para o frigorífico.

Os preparativos para o casamento iam de vento em popa; o apartamento, comprado e mobiliado. Faltava então o vestido de noiva. Seguiram para o ateliê de Maria Helena, que servia a família de Renato com vestidos para sua mãe, irmãs, tias e primas. Foram atendidos por uma funcionária que se desmanchou em medidas, mas por trás da cortina que separava a oficina da loja, os examinava a sua proprietária, Maria Helena.

Ainda muito bonita, ela tinha sido eleita Rainha da Cidade por sua beleza escultural aos 17 anos e agora contava com 40. Os dois foram ao ateliê para a prova do vestido, indo Ellen para a oficina.

Renato permaneceu na loja pois o noivo, segundo a tradição, não pode ver a noiva vestida antes do dia do matrimônio.

Foi quando Maria Helena veio até a loja conversar com ele, enquanto a funcionária fazia a prova.

- Tudo bem, Renato?

- Eu vou bem, dona Maria Helena. E a senhora?

- Acho que está tudo bem. Mas gostaria de lhe fazer uma pergunta.

- Que pergunta?

- Você gosta muito da Ellen, embora seja de família muito importante e ela, uma moça que foi adotada? Quer mesmo se casar com ela?

- É o que mais quero, dona Maria Helena! Mas por que a pergunta?

- Apenas por ser muito amiga de sua família.

- Muito obrigada pela preocupação.

Com a chegada de Ellen, despediram-se. Voltaram mais uma vez para a prova final e Maria Helena ficou novamente a espreitá-los. Acontece que Renato percebera tudo e decidiu não contar a Ellen, mas preocupava-o o que aquela mulher queria com ele.

Depois de pronto o vestido, Renato foi pagá-lo. Foi quando Maria Helena disse que depois ele acertaria tudo. Então, ele ficou ainda mais preocupado. Um vestido muito elegante, todo bordado em pedrarias custaria muito caro, mas acabou aceitando a proposta de voltar ao ateliê depois da lua de mel.

Veio o casamento e nesse dia lá estava Maria Helena, mais bonita que nunca. Após a cerimônia foi cumprimentá-los, beijando ternamente Renato no rosto e em seguida abraçando longamente Ellen, dizendo-lhe:

- Você está linda, minha filha.

- Filha?, indagou Ellen.

- Sim. Eu sou sua verdadeira mãe.

Exposição: Terra Ancestral



"Terra Ancestral"

Artistas de Portugal: Carolina Ramos, Elsa Oliveira, Maria dos Anjos OL., Santos Lopes e Sílvia Vale

Artistas de S. J. Rio Preto: Dino Vizotto, Maria Helena Curti, Norma Vilar e Victor Fogaça

Escritor: Lelé Arantes*

Escoa quente e viscoso a latejar em minhas veias um resquício de sangue lusitano. Sangue mestiçado, liquidificado ao sabor de etnias várias. Negritude da mãe África e pelo acobreada do silvícola Tupi, emprenhado quem sabe à margem tortuosa e íngreme do caudaloso Tietê. Neste velho corpo outrora varonil, sonhos e anseios avoengos amalgam-se-iam em intrincados laços – com os olhos postos no porvir. Qual destino incerto tiveram os primeiros marinheiros, amontoados em naus errantes, carregadas pelos ventos, corcoveando tais quais incubos e súcubos nas cristas dos vagalhões, na frenética busca de espaços baldios, com apenas uma tenção incrustada n'alma alvissareira: descobrir a florescência do mundo novo.

Agora, de alma nua, deparo-me, transido de saudade e nostalgia diante dessas obras, quem sabe filhas diletas inspiradas nas belezas que acompanham o serpentear embevecido das águas do Tejo, provindas da bela Albarraçín ou, quiçá, querendo ou não, advindas do primevo douro e as primícias inolvidáveis das quintas das carvalhas ou o súbito arquejar diante da estonteante arribas do douro. Ah, como me doem tantas lembranças nunca dantes sentidas! Pois cá estou eu, um pequenino brasileiro a sonhar com saraus e fados, com lutas e conquistas, urdido no sofrimento de uma lusitanidade tardia, cujos olhos afrouxam diante dessas telas que traduzem em mim a vontade de percorrer, como Almeida Garret, os velhos caminhos de minha terra ancestral. E como poetizaria Mario Gil: Eu vi o céu, eu vi Lisboa.

* Ocupa a cadeira nº 8 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

Exposição: Sonhos



"Sonhos"

Artista: Eduardo Bittencourt

Escritor: Waldner Lui

A obra de Eduardo Bittencourt é uma crônica visual com pegada pop, uma coleção de trabalhos que dialoga fortemente com o contemporâneo a partir da inspiração na Staatliche -Bauhaus- fundada em 1919 por Walter Gropius em Weimar, na Alemanha- uma escola que unificou disciplinas como arquitetura, escultura, pintura e design e que encerrou suas atividades em 1933, perseguida pelos nazistas. A Bauhaus revolucionou o design moderno ao buscar formas e linhas simplificadas, definidas pela função do objeto – um visual "clean", que encontramos hoje, por exemplo, na identidade dos produtos da Apple. A Bauhaus influenciou o brasileiro Oscar Niemeyer, tanto nos traçados do plano piloto de Brasília, como nas obras de prédios residenciais e oficiais, privilegiando formas geométricas e cores brancas. Antes fã do estilo neoclássico, Mies Van Der Rohe, um dos ícones mundiais da arquitetura, autor do Pavilhão alemão para a Exposição Internacional de Barcelona em 1929, converteu-se à simplicidade da Bauhaus, escola da qual foi seu último diretor e cunhou a frase "menos é mais". Também o designer e arquiteto Marcel Breuer, que criou a famosa cadeira Wassily, foi influenciado pelo estilo Bauhaus. Os trabalhos de Eduardo Bittencourt, a partir da Bauhaus, cristalizam a narrativa com fluidez adotando um discurso e uma poética do simples. Em sua postura restauradora, o artista em pauta, expressa sua necessidade interior ao enveredar-se pela Pop Art, impregnando de cinismo intuitivo os sonhos e excessos do mundo contemporâneo, inovando não apenas com a criação de telas, mas também na criação de objetos, como as cadeiras com bailarinas. Através de sua liberdade de expressão, Bittencourt valoriza o conflito e joga sobre a tela uma ótica romântica e iluminada por banhos de cor.

* Ocupa a cadeira nº 22 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

Exposição:
**Cores, Momentos,
Sentimentos**



“Cores, Momentos, Sentimentos”

Artista: Danila Pinheiro

Escritor: Antonio Carlos Del Nero

Na nossa vida, muitas são as cores, muitos são os momentos, mas o que permanece são os verdadeiros sentimentos. Momentos inesquecíveis sensibilizam o coração e sentimentos alegres causam emoção. Momentos tristes inquietam a nossa alma; Sentimentos verdadeiros trazem calma. Na vida, momentos são instantâneos, Todavia, sentimentos podem ser momentâneos.

*Ocupava a cadeira nº 41 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

Exposição:
Imersão



“Imersão”

Artista: Norma Vilar e Thadeu Guerra

Escritor: Wilson Daher*

Em “Ser e Tempo”, no capítulo intitulado “obra de arte e verdade” o filósofo Heidegger expõe a ideia de que a genuína obra de arte é aquela que define um mundo vivencial.

Assim, observando, por exemplo, seu famoso quadro “Os comedores de batatas” de Van Gogh, nossa sensação seria que a verdade, além da cena, reflete a miséria de uma família à margem da sociedade.

No contexto desta ideia, que verdade se esconde (ou se mostra) nas obras abstratas de Norma Vilar e Thadeu Guerra? Sempre pensei a arte abstrata como metáfora dá realidade, pois nesta aleatoriedade com que o artista desenha sua obra, ele se liberta das amarras apolíneas impostas pelo artista clássico e se permite pairar com as asas de uma imaginação que, mais que refletida, o domina e o transporta para mundos metafísicos.

- As obras “orgânicas” de Norma Vilar e Thadeu Guerra, aqui expostas refletem a naturalidade de um trabalho profundo (sua essência) por trás da simplicidade com que manifestam na aparência das obras em argila, metais, materiais reciclados, etc.
- Embora extremamente difícil para alguém como eu, leigo como crítico de arte mas apenas escritor sazonal, tentar interpretar a arte de ambos, deixo isso por conta dos que vierem observá-la, mas coma ressalva que faço: que interpretar é também curtir e degustar com todos os sentidos.
- A arte abstrata de ambos mostra sim, um mundo vivencial, só que às avessas do meramente racional.

* Ocupa a cadeira nº 9 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

Bela é a natureza

Sol escaldante, chuva abundante, dia estafante, assim o rio-pretense curte e suporta os dias de nosso verão. As escapadas à noite para os barzinhos estão em alta, entre um chopinho e outro, refrigerantes e sorvetes para se refrescar das temperaturas elevadíssimas que assolam a todos nessa época do ano.

Dificilmente o retorno se dá antes das 24 horas, pois nem mesmo o conforto do ar condicionado pode segurá-lo em casa. A moda em voga: minissaias e blusas curtinhas para as mulheres; bermudas e camisetas para os homens.

Um local de lazer muito requisitado é a nossa Represa Municipal para as caminhadas matinais e ao entardecer. A tarde é uma verdadeira festa para aqueles que a desfrutam; fica apinhado de gente de todas as condições sociais e que buscam o deleite no aprazível e pitoresco logradouro público onde, na passarela dos exercícios físicos, a mulher rio-pretense busca a sua performance, desfilando com a sua plástica e elegância.

É óbvio, não faltando também os ambulantes dos mais variados comércios de alimentação. Entre o ouro e o ônix, o entretenimento é de um visual alegre, atraente, saudável, com descontração total e de comunicação visual. É evidente que não estou me referindo ao valioso metal ou à pedra preciosa e sim à tarde de raios dourados do sol e à tardinha, no começo da noite.

A tarde no parque é ensolarada, a brisa suave roça as nossas faces. No banco de areia os paturis e a garça se deixam emoldurar pela brandura das águas.

As pessoas se cruzam em diferentes evoluções, colorindo o cenário no seu estágio crepuscular. Lá no poente o vislumbre do horizonte encarnecido deixa a sua cópia no lago.

A loura fulgurou dourando a tarde e aos poucos vai se distanciando com a chegada da morena não menos brilhante.

Pois as luzes artificiais estão acesas e ela vai reluzir, exaurindo o seu charme enquanto espera por ônix.

*Ocupa a cadeira nº 23 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura





Machado de Assis e a Academia Brasileira de Letras



Exposição: Poder e Paixão



"Poder e Paixão"

Artista: Victor Fogaça
Escritor: Nidia Puig

E A obra de Victor eclode. Expurga emoções. É o combate permanente entre os maiores conflitos trágicos: PODER e PAIXÃO. As cores impressionam: tons fortes de azul ainda que em seus fugazes matizes; o terracota transformando-se no dourado, luz impressionista; o violeta que viola as sensações e transita entre os tons rubros. A arte de Victor é sensorial: emana dor, explode sensibilidades. Em sua imensa maioria, Victor utiliza APENAS o lápis. Inimagináveis traçados de linhas, pontos e manchas que preenchem todo o papel, meros sulfites A3 e A4, que, em ebulição artística, formata a linguagem interior do artista, sua criatividade liberta da lógica racional. Surreal, ele traga a realidade, devora o contorno do objeto e o faz penetrar em outra imagem avassaladora (série "animais"). Em movimentos sinuosos, firmes e seguros, elabora na arte a fagocitose e o canibalismo da realidade: predador e presa são então amalgamados. Vida e Morte se perpetuam nos pontilhados ("O embate"); terra, fogo, ar e água materializam-se ("Fuga do Paraíso"). Ser humano e animal se fundem, multiplicam o fugidio da existência, escancaram o olhar atônito sobre as incertezas, sobre o efêmero do momento, que urge ser forte e definido, ainda que nada seja definitivo ("Homem, cabeça de pássaro"). Apenas a arte, em permanente mutação, sobreviverá...

*Ocupa a cadeira nº 36 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura



"O mundo substantivo e o mundo abstrato"

Artista: Marcelo Lopes
Escritor: Alberto Gabriel Bianchi*

A Literatura é apaixonada pela Arte e vice versa. Sou apaixonado pela Arte, e luto para que ela se apaixone por mim. Vivi no meio da natureza, durante grande parte da minha vida e a natureza é a musa das artes e o artista é quem cria. "Aristóteles concedia às artes uma importância valiosa, contribuindo na formação moral dos indivíduos".

Vivendo o mundo das artes naturais no curso da existência, admirando a materialização de um sonho e admirando a Arte, Marcelo Lopes, voltei a minha infância e emocionado relembrei o nascimento, crescimento de vários tipos de lindas árvores frondosas. Provocava e provoca uma emoção indescritível quando esse quadro se criava ou se cria no meu imaginário com uma suave chuva de inverno molhando as folhas, criando um clima romântico e prazeroso, capaz de me levar a um êxtase emocionado e ficar a escrever poesias e poemas líricos sem parar.

Na imagem linda do amor criptografado pelo artista, ninguém inova loucamente, amando e lutando como eu e tendo a natureza, as artes e a literatura como fontes inesgotáveis, sendo elas minhas musas inspiradoras. O artista é a sublime poesia que sintetiza sua obra divina, num momento, e me faz viver porque viver é amar. Inspira o escritor a se movimentar e retratando, naquele instante de rara beleza, através da escrita e decodificando a obra transformando-a em poesia. A natureza está em festa e aplaude todos os artistas plásticos de Rio Preto e do mundo!

* Ocupa a cadeira nº 44 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

Exposição: Realismo



“A arte de retratar”

Artista: Danilo Passarini

Escritor: Sergio Vicente Motta*

HIPER-REALISMO. Mais que realismo! É esse efeito de admiração que a pintura de Danilo Passarini provoca. Aí está o cerne de sua arte: gerar um efeito de realidade que instiga a percepção do receptor, levando-o, ao mesmo tempo, a refletir sobre o problema fundamental da arte – a representação.

É uma pintura que desafia a fotografia, considerada o seu ponto de partida e de superação. Nessa busca de similitudes, ganha a habilidade do pintor. O detalhamento paciente até encontrar o efeito perfeito do tom, da técnica, da textura da tez e o teor do rosto retratado.

No lugar da impressão precisa no papel, a expressão hábil do pincel, do traço, da tinta e da cor na tela. Num espaço em que o gesto da mão reina, um tempo que contempla a duração da dedicação. É a imagem deslocada de seu circuito habitual para o círculo da aura artística. Uma tela singular.

Por ter um compromisso de fidelidade e ser uma interpretação minuciosa do referente, real ou fictício, essa arte expõe deliberadamente o seu objeto: parecer mais real que o real. Assim como expõe o objeto retratado: o ser que se revela no parecer.

Isso é arte. A arte de simular um efeito de sentido figurativo, tentando dissimular a ilusão na representação da realidade.

* Ocupa a cadeira nº 21 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

Exposição: Remar



“O Abstracionismo”

Artista: Reasilvia Toscano

Escritor: Alberto Gabriel Bianchi*

“Não devemos ter medo de inventar seja o que for. Tudo o que existe em nós existe também na natureza, pois fazemos parte dela”. – Picasso

O abstracionismo foi um triunfo da história das artes plásticas e você, ReaSilva, de forma brilhante leva esta arte adiante.

Na arte abstrata, o artista faz um rabisco, faz outro, fica arrebatado e coloca manchas, cores, isto é uma técnica muito bem usada por ReaSilva, cria maravilhas com seus impulsos para a visão humana. Seu propósito é estético ou comunicativo, enquanto expressão de ideias, emoções ou formas de enxergar o universo. Sua arte nos faz viajar para Marte por caminhos escabrosos e num turbilhão de emoções vamos fazendo riscos, dando cores, criando o que chamamos de arte abstrata por não representar nenhum objeto concreto e sim uma idéia inspirada no espaço sideral. Com isso e sua alma criadora, sentimos grandes emoções que sua arte arranca do nosso interior e de nossa imaginação, principalmente nos momentos de total solidão, tendo como consequência um visual mais perceptível e que se percebe que a linha se deixa substituir e a pintura começa a se impor e libertar-se dos rabiscos se transformando em coisa sobrenatural e com vida aos nossos olhos.

O destino humano depende exclusivamente de duas coisas: o acaso e a necessidade.

O acaso fez com que nascesse na data próxima do nascimento do filho de São Joaquim e Sant’Ana, 21 de junho de 1839, o menino Joaquim Maria Machado de Assis, em um meio pobre, filho de um mulato, artífice pintor e dourador de móveis e de uma branca de ascendência lusitana, empregada doméstica, a família moradora no Morro do Livramento, bairro pobre do Rio de Janeiro.

Assim, ele não teria condições de ascensão social ou intelectual se a necessidade não fizesse sua mãe trabalhar na Chácara do Livramento, na mansão de uma rica senhora de origem portuguesa, que se tornou madrinha do menino.

Convivendo, ao mesmo tempo, na casa senhorial da madrinha, um meio diferenciado pela elevada posição social, e também na casa dos pais, em um ambiente proletário, cedo o menino notou a diferença gritante dos degraus da sociedade, e passou a dedicar-se a alcançar um grau de educação que o diferenciasse socialmente, esmerando-se no aprimoramento cultural, embora jamais tivesse chance a uma oportunidade de cursar um colégio e tampouco uma faculdade de ensino superior.

Na casa de sua madrinha, que notou sua grande vontade de estudar, começou a aprender a ler e fazer contas e, um padre, amigo da família, passou a lhe ensinar português, latim e francês, recebendo deste modo, as bases para o acesso à cultura clássica e ao idioma de comunicação internacional no qual estavam escritas ou vertidas as principais obras literárias do mundo, logo procurando livros para ler.

Então, o acaso fez que falecesse a sua mãe e ele tivesse de deixar a casa da madrinha, e a necessidade levou-o a procurar as bibliotecas públicas e tomar livros emprestados, e seu pai a se casar novamente desta vez com uma doceira e o adolescente começou a vender os produtos da madrastra nas ruas, mas buscou as portas dos colégios, onde foi constituindo amizades, trocando informações literárias com os estudantes e procurando esconder a sua origem, passou a frequentar as livrarias da capital do Império, onde se reuniam os principais nomes do universo cultural brasileiro.

O acaso fez com que, quando ele tinha apenas 16 anos de idade, em uma livraria, o editor e livreiro Paulo Bri-

to, vendo-o sempre sobraçando um livro, aproximou-se dele e, bem impressionado com a sua cultura, ofereceu-lhe o emprego de tipógrafo, que a necessidade fê-lo aceitar e tão bem exerceu o seu ofício que logo se tornou revisor e pouco depois, colaborador da revista “A marmota Fluminense”, passando a ser conhecido pelos seus escritos e por sua primeira poesia, intitulada “Ela”. O acaso fez com que o então famoso escritor Manoel Antonio de Almeida conhecesse as suas colaborações escritas e depois a ele pessoalmente até que lhe conseguisse um cargo na Imprensa Imperial que a necessidade de ascensão literária e social fez que aceitasse e, através de sua atividade, o jovem escritor se aproximou da nata dos autores nacionais.

Quando chegou aos 18 anos de idade, Machado de Assis já obtivera experiência como gráfico de tipografia, revisor de textos de redação e também de redator, e ainda de vendedor de livraria, conhecendo profundamente a indústria e o comércio de livros. Havia então publicado diversas colaborações como jornalista e poeta.

Sob a forte influência da escola romântica, aos 25 anos de idade, publicara seus versos de “Crisálidas” (1864); aos 30 anos, os de “Falenas” (1869); aos 36, “Americanas” (1875) e aos 40, “Ocidentais” (18791-1880).

Aos 30 anos, em 1869, casou-se com o grande amor de sua vida, Carolina Augusta Xavier de Novais, irmã do poeta português Faustino Xavier de Novais, esposa que o acompanhou por 35 anos, até seu falecimento, em 1904, antes do próprio marido.

Ao casar, Machado de Assis ainda não escrevera nenhum livro de contos ou romance. Três anos após, passada a Guerra do Paraguai, aos 33 anos de idade e ainda influenciado pelo Romantismo, publicou “Resurreição” (1872); aos 35 anos, “A mão e a luva” (1874); aos 37, “Helena” (1876); aos 39, “Iaiá Garcia” (1878). Aos 42 anos de idade lançou o primeiro romance realista brasileiro “Memórias póstumas de Brás Cubas” (1881); aos 43, o primeiro livro brasileiro de contos “Papéis avulsos” (1881); aos 45, “Histórias sem data” (1884). Depois da Lei Áurea, com a Abolição da escravidão no Brasil e da queda do Império e da Proclamação da República, aos 52 anos publicou “Quincas Borba” (1891). Oito anos mais tarde, já com 60 anos, editou “Dom Casmurro” (1899).

Já no século XX, aos 65 anos, quando perdeu a sua Carolina, publicou “Esaú e Jacó” (1904). Mais quatro anos e temos Machado de Assis com 69 anos a publicar

seu último livro “Memorial de Aires” (1908) pois, a 29 de setembro ele ingressou no “mistério dos mortos”, como na sua oração fúnebre disse o grande Ruy Barbosa, chamando-o “mestre e companheiro... clássico da língua... árbitro das letras... filósofo do romance... mágico do conto... joalheiro do verso.... seus escritos, galeria de obras-primas...”.

Na metade da sua vida, ele que conhecia tudo sobre livros, também sabia toda a rotina de funcionário público burocrata, com a vivência desde haver sido operário da imprensa até Diretor-Geral de repartição governamental. Trazia consigo um imenso cabedal cultural de numerosíssimas leituras, tinha renome como jornalista, poeta e escritor, com diversas obras nos campos da poesia, crônica, ensaio, teatro, contos e romances.

Aos 49 anos de idade, em 1874, Machado de Assis foi nomeado, por Decreto do Imperador Dom Pedro II, Oficial da Ordem da Rosa.

Aos 58 anos, foi eleito primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras.

Aos 58 anos, foi eleito primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Todavia, esta Academia, cuja sigla é ABL, não foi criação de Machado de Assis, como muitos acreditam.

Todavia, esta Academia, cuja sigla é ABL, não foi criação de Machado de Assis, como muitos acreditam. Ele se constituiu apenas em um convidado para ser um dos seus fundadores e, por ser o maior escritor nacional, foi eleito para presidir a sua primeira diretoria no dia 20 de julho de 1897.

Na realidade, a Academia Brasileira de Letras se deve à ideia de um pernambucano. Vou contar-lhes sucintamente a história:

Exatamente meio século antes do surgimento da Academia Brasileira de Letras, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, dia 10 de junho de 1847, sessão presidida pelo Imperador Dom Pedro II, foi apresentada uma proposta para que se criasse “uma sociedade que se ocupasse especialmente da Literatura, da Linguísti-

ca e da Arte dramática”. O Imperador mostrou-se favorável mas queria ouvir a opinião dos membros daquele sodalício, manifestando-se o Barão de Paranapiacaba e o Conselheiro João Manuel Pereira da Silva em prol da nova entidade, o que foi registrado pelo Conde de Afonso Celso.

Doze dias depois dessa sessão, a 22 de junho de 1847, foi emitido o parecer sobre o assunto, denominado a sociedade “Academia de Literatura Brasileira”, com a emenda dos sócios Nunes Ribeiro e E. Maia para que fosse intitulada apenas “Academia Brasileira”, o que recebeu aprovação do Imperador.

Nas palestras literárias frequentes que Sua Majestade Imperial promovia no Palácio de São Cristóvão, muitas vezes se tratou do assunto, porém,

não houve uma atitude efetiva para a concretização da entidade cultural. Transcorridos 31 anos, em outra sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, também presidida pelo Imperador Dom Pedro II, dia 24 de maio de 1878, revitalizaram

a proposta, desta vez para uma “Academia de Letras Brasileiras”, subscrita pelo carioca advogado, escritor, poeta e político Francisco Otaviano de Almeida Rosa, juntamente com o gaúcho médico e Barão Benjamin Franklin Ramiz Galvão, que era professor dos netos do Imperador; o cearense advogado, romancista e político José Martiniano de Alencar; outro cearense advogado e escritor João Franklin da Silveira Távora; e o fluminense jurista Cândido Mendes de Almeida, havendo recebido, outra vez, a aprovação imperial.

Também mais uma vez não aconteceu uma ação concreta para efetivar-se aquela Academia.

Destronado o Imperador Dom Pedro II e proclamada a República, seus principais adeptos ocuparam cargos no Governo Provisório e o republicano recifense,

Um projeto de sucesso, que possibilitou à Academia Rio-pretense de Letras e Cultura expandir seus horizontes, abrindo um espaço de intervenção fundamental para seus escritores, poetas, intelectuais, críticos e especialistas nas mais diversas áreas profissionais exercitarem suas potencialidades artísticas, colocando-as em interação e circulação com as artes plásticas. Em cada nova exposição, festivas confraternizações! Artistas e escritores estreitando laços de amizade e criatividade. Um vínculo saudável que firmou um compromisso de vida e de arte. O círculo foi aumentando, as interações ampliando, gerando uma grande família unida pelo encanto da literatura e da pintura.

Literatura e pintura. O namoro que virou um casamento e foi celebrado como mais um acontecimento de inovação e renovação cultural da cidade. Sob o aplauso do público, com a aprovação dos escritores, artistas, e a colaboração dos nossos parceiros, com a coordenação geral da Artista-Madrinha, o projeto reinou durante todo um ano. Vida longa ao casal! Aguardaremos, ansiosos, novos frutos. Os filhos que virão dessa parceria sempre surpreendente entre a literatura e a pintura.

Para o registro dessa memória, a Revista “Kapiiuara” publica um compacto de todo o evento.

*Ocupa a cadeira nº 21 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura





'NAMORO COM A LITERATURA'

Era uma vez duas personagens. A imagem e a letra brincando na mente de uma artista brilhante: Norma Vilar. Nasce uma ideia: o projeto "Namoro com a Literatura". A artista desenha as linhas do plano e convida: mentes e mãos às obras!

Assim surgiu o projeto que uniu artistas plásticos de grande expressão na cidade (novos e consagrados, muitos com projeção nacional e internacional) e os membros da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura (ARLEC). Artistas e escritores deram-se as mãos e formaram um grande círculo de cooperação e criatividade. Levaram o projeto "Namoro com a Literatura" para passear e se apresentar no Espaço Cultural do Shopping Iguatemi São José do Rio Preto, em um circuito ininterrupto de dezesseis exposições: de 09/02/17 a 10/01/18. O namoro também teve o apoio do Núcleo de Economia Criativa da ACIRP e, com a decoração e mobiliário das lojas Trimach, fez desse espaço de criatividade um entre-lugar de morada, instigando a imaginação e a curiosidade dos visitantes.

De grande impacto na área cultural da cidade, o projeto ganhou destaque nos principais meios de comunicação, tornando-se uma referência revigorada e esperada pela corrente constante de permutabilidade das propostas artísticas. E, acima de tudo, visibilidade no próprio Shopping, como uma vitrine aberta e de surpresas, convidando o grande público a interagir com as novidades da arte. Desafiando o consumo, um lugar singular em que as obras de arte - explosões de formas e cores em telas,

esfinges escultóricas e soluções inventivas - reinaram absolutas, impondo aos visitantes um outro ritmo, um outro sonho. A contemplação, a reflexão, a imersão, o devaneio em um outro tempo, em uma outra realidade, em uma outra dimensão: a do texto e a da arte.



professor, escritor, jornalista e político José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque foi nomeado Diretor da Instrução Pública do Brasil, com a ideia de criar, fundar e fazer funcionar a Academia Brasileira de Letras.

Assim, Medeiros e Albuquerque procurou os seus amigos pessoais e partidários, o ministro do Interior Aristides da Silveira Lobo, o secretário Lúcio Eugênio de Menezes e Vasconcelos Drummond Furtado de Mendonça e o ministro de Justiça Manuel Ferraz de Campos Sales, que depois viria a ser presidente da República, todos literatos que lhe deram apoio absoluto.

Todavia, o ministro Aristides Lobo logo foi substituído por João Cesário de Faria Alvim, que o foi por Alberto de Seixas Martins Torres, amigo de Lúcio de Mendonça, que lhe levou a proposta da Academia Brasileira de Letras ser instituída pelo modelo da Academia Francesa, criada em 1635 pelo primeiro-ministro da França, o cardeal Armand Jean de Plessis, duque de Richelieu e de Pronsac, que exerceu o Ministério durante 14 anos do reinado absolutista do rei Luís XIII, com a proteção de quem a Academia Francesa pôde contar.

De acordo com Medeiros e Albuquerque, Lúcio de Mendonça complementou a proposta com a possibilidade de a ABL, à semelhança da francesa, ter 30 dos seus 40 membros nomeados pelo Governo Republicano, mas havia escrúpulos porque existiam muitos intelectuais brasileiros monarquistas que certamente pleiteariam as vagas acadêmicas. Sugeriu-se então que o Governo nomearia apenas 10 dos membros da Instituição e foi redigido um decreto governamental criando a Academia Brasileira de Letras na data do sétimo aniversário da República, dia 15 de novembro de 1896. Todavia, um intelectual baiano, republicano histórico no seu estado, professor de Cirurgia da Faculdade de Medicina da Bahia, vice-presidente da República em exercício, Manuel Vitorino Pereira, recusou-se a assinar o decreto e o ministro Alberto Torres, que era jurista e sociólogo, contestou o argumento de que "uma instituição oficial naqueles moldes era contrária à essência do regime democrático."

O fluminense advogado, magistrado ex-secretário do Ministério da Justiça e escritor Lúcio de Mendonça sentiu-se traído e profundamente atingido. A atitude de

Alberto Torres gerou o rompimento de sua amizade. Lúcio de Mendonça recorreu então ao jornal O Estado de S.Paulo, em artigo de grande retaliação e repercussão. Tudo isso fez com que Medeiros e Albuquerque e Lúcio de Mendonça, sem nenhuma ajuda do Governo, procurassem convidar os melhores intelectuais que se encontravam no Rio de Janeiro e, na sala da redação da Revista Brasileira, dirigida pelo escritor e jornalista paraense José Veríssimo Dias de Matos, promoveram sete reuniões preparatórias para a fundação da Academia Brasileira de Letras, que ali ocorreu no dia 20 de julho de 1897, havendo sido escolhida a primeira diretoria: presidente – Joaquim Maria Machado de Assis; secretário geral- Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo; secretários – José Júlio da Silva Ramos e Rodrigo Otávio Landgaard Menezes; tesoureiro – Herculano Marcos Inglês de Souza.

Os primeiros discursos foram o de Machado de Assis, delicado e breve, e o de Joaquim Nabuco, veemente e um pouco mais longo.

As reuniões regulares foram transferidas para um prédio denominado Pedagogium. Depois, novamente transferidas para o Silogeu Brasileiro, edifício que visitei há muitos anos, sob a presidência do médico, professor e escritor baiano Júlio Afrânio Peixoto. A Academia Brasileira de Letras veio a ter sede no Petit Trianon e finalmente mandou construir um moderno edifício no centro do Rio de Janeiro.

Em seu tempo, o primeiro presidente, embora considerado em geral "que não era homem de ação", foi muito querido por todos pelas qualidades de riqueza de sua inspiração, maestria no estilo, sagacidade na psicologia, mimo na invenção, bonomia no humorismo, nacionalismo na originalidade, lhanza, tato e gosto literário, bem como talento inigualável.

Ele exerceu a Presidência da ABL até o fim de seus dias com tal relevo que hoje aquela instituição é chamada de Casa de Machado de Assis.

*Membro correspondente da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura. Médico, Oficial Superior da Marinha do Brasil, professor universitário e ex-presidente da Academia de Letras e Artes de Salvador (Bahia)



SOMOS TODOS ETERNOS, BIOLOGICAMENTE ETERNOS

O sonho de muitas pessoas é ser eterno. Ser eterno, através da alma, é possível, conforme apregoava Jesus Cristo há 2 mil anos. A eternidade, na linguagem figurativa de Cristo, significa no atual entendimento que patrimônios genéticos de uma pessoa estão presentes em seus filhos e entre seus parentes assemelhados, difundindo-se, portanto, de modo contínuo e por tempo indefinido.

Neste contexto é possível substituir a exposição figurativa da alma pela da molécula de DNA. Como há 2 mil anos não se conhecia o DNA, resgatou-se o conceito de alma como o elemento imortal proposto por Platão. Na sequência deste pensador grego, seu discípulo Aristóteles apresentou o sentido metafísico da alma através das percepções que dão sentidos à vida, incluindo o pensamento, a inteligência, a harmonia, entre outros, como veremos adiante.

Muito tempo depois, Santo Agostinho definiu a eternidade da alma em sua obra "Confissões" da seguinte forma: o homem, enquanto ser, partilha da eternidade, através de sua alma imortal num corpo suscetível à morte. Outros ilustres pensadores propuseram por séculos diversas teorias sobre a imortalidade da alma. Independentemente de suas estruturas ideológicas, muitos conceitos tidos como verdades indiscutíveis se perpetuaram até 1953, quando os pesquisadores da Universidade de Cambridge, Inglaterra, James Watson e Francis Crick, descreveram a estrutura básica da molécula de DNA.



temente foi ampliada pela descoberta da existência de ondas gravitacionais, já preconizadas por Einstein e confirmadas por cientistas agraciados com o Nobel de física de 2017. Não parece a olhos nus, mas nosso planeta gira contínua e vertiginosamente ao redor de si próprio e do Sol, seu astro, cuja órbita integra o movimento de bilhões de galáxias. Nós não temos percepção de que andamos de cabeça para baixo, num movimento circular que anula a possibilidade da existência de um "sobre"natural. Também não refletimos no fato de que corpo e alma, como significante e significado, são conceitos distintos, mas inseparáveis, na semelhança das duas faces de um mesmo papel, sendo o cérebro suporte do espírito.

Que as aparências nos enganam já foi intuído por vários filósofos que se preocuparam com a diferença entre o "ser" (o que realmente é) e o "parecer" (o fazer de conta, o imaginário). Enquanto Platão, especialmente pela parábola do Mito da Caverna, imagina a existência de dois mundos, o da realidade física e o das ideias abstratas que habitariam o mundo "hiperurânico" (transcendental), seu discípulo Aristóteles nega o sobrenatural, achando que a verdade pode ser encontrada na própria natureza. A ideia da árvore está na própria árvore, abstraindo das qualidades particulares

(altura, cor etc.) o que é geral, comum a todas as árvores (raiz, caule e folhas).

A dicotomia ser/parecer não existe apenas na cosmologia ou na filosofia, mas está presente na nossa vida cotidiana, abrangendo religião, ética, política. Já foi observado que os artistas usam a mentira (a ficção de Shakespeare ou a pintura de Picasso, por exemplo) para revelar a verdade, enquanto os políticos usam a mentira para escondê-la. As religiões projetam a felicidade num mundo sobrenatural, que existe apenas na imaginação, no desejo dos que não se conformam com o sofrimento, a morte, a injustiça existencial. Que tal construirmos um mundo melhor, com mais felicidade nesta Terra, visto que nossa eternidade reside no filho que educamos, no livro que escrevemos, na árvore que plantamos, no quadro que pintamos?

*Dr. pela USP e Professor Titular pela UNESP. Autor do Dicionário de Cultura Básica (Publit), Literatura Ocidental e Forma e Sentido do Texto Literário (Ática), Pensar é preciso e Pesquisando (Editorama). Ocupa a cadeira nº 7 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura



Ser e parecer (Uma nova visão do Mundo)

Acabei de ler um livro maravilhoso, "A realidade não é o que parece" (a estrutura elementar das coisas), do cientista Carlo Rovelli, de quem já tinha lido "Sete breves lições de física". O estudioso italiano está dedicando sua vida à explicação de uma nova concepção do Universo, com base nas recentes descobertas da física quântica, da teoria da relatividade geral, das ondas gravitacionais, do eletromagnetismo.

Tais estudos descortinam uma surpreendente visão do mundo que anula as antíteses tradicionais entre natural e sobrenatural, matéria e espírito. A lei fundamental da química, formulada por Antoine Lavoisier (1743-1794), "nada se cria, nada se destrói, tudo se transforma", regeria não apenas essa disciplina, mas todo o universo conhecido e outros mundos possíveis. O ser humano, como qualquer outra entidade, não é criado do nada, mas nasce da fecundação de um óvulo por um espermatozóide e vai adquirindo alma (mente ou espírito) pelo desenvolvimento das células cerebrais, assim como um cigarro provém da manipulação de folhas e se transforma em cinza e fumaça.

Todos os seres do cosmo, animados e inanimados, são compostos de "quanta", partículas subatômicas, invisíveis a olho nu, correlatas pela energia de ondas gravitacionais que harmonizam a totalidade do Universo.

O vazio só existe ao nível do parecer, sendo pura impressão, visto que nenhum elemento da natureza poderia ficar isolado no espaço ou no tempo. Solto, iria para onde? Só essa atração cósmica poderia explicar porque, mesmo rodando à velocidade da luz, os asteroídes, como nossos corpos, não caem na imensidão do universo, podendo apenas colidir entre si. E isso porque simplesmente não existe o vazio. Distinções como finito e infinito ou tempo e espaço não deixam de ser apenas concepções da nossa mente, sem algum substrato real ou lógico.

A ciência, como a religião, visa o conhecimento do mundo em que vivemos. A diferença está no fato de que a fé fica parada no tempo, acreditando na revelação de doutrinas a profetas por divindades, sendo, portanto, consideradas verdadeiras e eternas, enquanto a ciência, mais humildemente, convencida da precariedade do saber humano, avança aos poucos. Para isso submete hipóteses à confirmação, corrigindo-se sucessivamente. Assim, a concepção cosmológica do egípcio Ptolomeu (a Terra imóvel no centro do Universo) foi substituída pelo heliocentrismo (é o nosso planeta a girar ao redor do Sol) dos renascentistas europeus Copérnico e Galileu.

A lei da atração terrestre, formulada por Newton ao observar que a maçã cai da árvore e não sobe, recen-

A partir desta descoberta, o mundo passou a ter à disposição uma avalanche de informações, através das quais provou-se que as moléculas de DNA inseridas em genes são a essência biológica da vida e podem, realmente, promover contínuas transmissões de heranças genéticas por indefinidas gerações, fato que resulta na imortalidade de qualquer ser vivo, seja ele vírus, bactérias, animais ou vegetais. Sob o ponto de vista antropológico, quando se considera especificamente a cronologia do desenvolvimento humano, verifica-se que há 70 mil anos ocorreu algo formidável, qual seja a revolução cognitiva da nossa espécie. A partir daí desenvolveram-se a linguagem ficcional, o raciocínio e o pensamento. Neste encadeamento evolutivo o ser humano passou a ser considerado único e especial, obviamente por nós, que fazemos parte desta espécie.

Enfim, considerando as informações importantes e necessárias para o presente artigo, foi possível concluir que somos todos eternos, ou melhor, biologicamente eternos, notadamente se modernizarmos os princípios aristotélicos a respeito da alma.

Segundo Aristóteles, a alma do ser humano é composta por três partes: 1) a alma vegetativa, que é o princípio que regula as atividades biológicas. Está presente em todos os seres vivos, plantas e animais, inclusive no homem. É responsável pelos instintos, impulsos, crescimento, nutrição e reprodução; 2) a alma sensitiva ou desiderativa, que está presente somente nos animais, capaz de coordenar conscientemente os movimentos corporais e é responsável pelas sensações e percepções das peculiaridades dos objetos; 3) a alma intelectual ou pensante, que é exclusiva do ser humano, capaz de pensar discursivamente, elaborar teorias e pensar em explicações. É dela que deriva a capacidade de formular juízos sobre a realidade.

Pinçando o resumo da teoria de Aristóteles e transportando para as conclusões do Projeto Genoma Humano, as três partes da alma do ser humano estão contempladas nas ações dos quase 25 mil genes que coordenam todas as nossas funções e pensamentos, com destaques para longevidade, comportamento, apetite, obesidade, doenças, virtudes, maldades, inteligência, resistência física, etc. Por todas essas razões, é possível admitir que Jesus Cristo estava 2 mil anos à frente do seu tempo,

*Biomédico, professor titular pela Unesp, diretor da Academia de Ciência e Tecnologia, ocupa a cadeira nº 33 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura





Um Natal literário

Muitos são os escritores que trabalham o tema natalício, e a literatura, em geral, é pródiga tanto em prosa quanto em verso. Desejo ressaltar, nesta ocasião, o texto de Charles Dickens, Uma Canção de Natal. Nascido e morto nos anos 800, esse escritor inglês deixou um legado bastante apreciado até os dias de hoje: Oliver Twist, David Copperfield, O mistério de Edwin Woods, A casa abandonada e os contos Retratos Londrinos e A árvore de Natal são seus títulos mais conhecidos em sua vasta produção.

Dickens é um dos principais romancistas do realismo inglês, ainda que muitos críticos o considerem precursor e não realista, dada sua linguagem poética. Seu público inicial foi o do período pós Revolução Industrial, denunciando problemas sociais da Inglaterra vitoriana como a violência, a pobreza, o desemprego, as péssimas condições de trabalho e a prostituição. E isso Dickens realizou dois anos antes de Engels ter se pronunciado a respeito! Sua consciência social o levou a realizar e a ativar projetos com propostas viáveis de melhoria educacional, reformas sanitárias e até mesmo a criação de um hospital infantil.

Sua obra Um Conto de Natal é uma ácida descrição da época com tons de confiança no futuro humano. Ebenezer Scrooge, personagem principal, não tem seu nome ao acaso. Ebenezer, palavra vinda do hebraico, significa “pedra de ajuda” e também “vitória” e “gratidão”. A situação vivida pelo personagem traduz esta trajetória de ser encontrada uma dificuldade, uma “pedra” que ao final explicita a ajuda concedida e a vitória prevista para sua superação. Traduz-se Scrooge do inglês para o português como “avarento”. Seu nome completo, portanto, tem sua razão de ser por ser a pista da redenção.

O personagem criado por Dickens serve até hoje como inspiração para outros tantos personagens conhecidos. O primeiro deles é Tio Patinhas, criado por Carl Barks para os Estúdios Disney. Vem citado em muitas outras obras.

A história tem a duração própria de uma tragédia grega, pois se passa da véspera de Natal para terminar na manhã do dia seguinte. Diferencia-se, entretanto, pelo final feliz. Originalmente a trama desenrola-se na véspera de um Natal especificamente vitoriano.

Scrooge, o sócio sobrevivente da firma Scrooge & Marley, é um velho mal-humorado e avarento que se recusa invariavelmente a contribuir com qualquer coisa ou pessoa. Na noite em que volta para casa e se prepara para dormir, é visitado pelo fantasma de seu sócio que se lamenta da situação de castigo em que se encontra, acorrentado e perseguido.

Adverte o amigo para que mude seus hábitos. Em seguida, Scrooge é visitado por mais três fantasmas: o do passado, o do presente e o do futuro. Com base nesta experiência vivida, Scrooge acorda na manhã de Natal disposto a modificar-se.

O tom poético se sobrepõe ao crítico nos textos dickensianos, reflexo da vida fantasiosa vivida pelo escritor que esperou, sem sucesso, de sua prole de dez filhos a continuidade literária que veio despontar apenas com sua bisneta.

Seus textos foram originalmente publicados em periódicos e reunidos mais tarde em volumes. Vinham ilustrados por ele mesmo e eram objeto de grande expectativa por ser um autor muito popular. Continua popular ainda hoje. Existem mais de 180 filmes e adaptações de suas obras. Traduzido em inúmeras línguas, Dickens é um escritor atemporal e universal. Seus temas traduzem mazelas humanas que portamos e lutamos por corrigir.

Encontra-se sepultado na Abadia de Westminster, no Poet's Corner, com um epitáfio à altura de sua vida dedicada a denunciar e amenizar a vida dos pobres e oprimidos.

*Ocupa a cadeira nº 29 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

